

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Laura Augusta Kleinpaul

**PONTOS DE CONEXÃO ENTRE ECOLOGIAS E REDUÇÃO DE  
DANOS: UMA EXPERIÊNCIA NO CAPS AD CIA DO RECOMEÇO DE  
SANTA MARIA - RS**

Santa Maria, RS  
2019

**Laura Augusta Kleinpaul**

**PONTOS DE CONEXÃO ENTRE ECOLOGIAS E REDUÇÃO DE DANOS: UMA  
EXPERIÊNCIA NO CAPS AD CIA DO RECOMEÇO DE SANTA MARIA - RS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental**.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Edelvar Corrêa Peres

Santa Maria, RS  
2019

**Laura Augusta Kleinpaul**

**PONTOS DE CONEXÃO ENTRE ECOLOGIAS E REDUÇÃO DE DANOS: UMA  
EXPERIÊNCIA NO CAPS AD CIA DO RECOMEÇO DE SANTA MARIA - RS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental**.

**Aprovado em 30 de agosto de 2019:**




---

**Paulo Edelvar Correa Peres, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)



---

**Geder Paulo Herrmann, Dr. (UFSM)**



---

**Guilherme Carlos Corrêa, Dr. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Paulo Edelvar Corrêa Peres, com sua paciência, empatia e a calma admiráveis que me fazem perceber uma grande prática de educador e de ser humano.

Aos meus colegas de oficina de horta do CAPS AD, Eduardo, Thiago, Iugoslavo, Clésio, José Devanir, Juarez, Ester, Ana Amélia, com os quais tenho um encontro de muito afeto e que possibilitaram esse projeto.

Aos profissionais da equipe do CAPS AD Cia do Recomeço que apoiam e abrem espaço ao projeto.

Ao Guilherme, ao Douglas e a Marília, pelos profundos ensinamentos que pude um pouco absorver, pela beleza de suas ações no mundo, pelo acolhimento e amor com que me envolvem.

Ao grupo Ítaca e todos meus colegas da Edição Oficinas, especialmente Iza, Gilnei, Tefa e Letícia, pela viagem, pela linda troca e os momentos alegres de samba no Maré.

Aos meus pais pelo apoio, ensino e amor constantes.

À Ana Flávia, pelo companheirismo na vida, a amizade, o amor e o suporte.

Ao Júlio, por todos os momentos de carinho, amor, apoio e compartilhar da vida.

Ao Thiago, pela horta, pelo projeto, pelo amor, pelo encontro, pela profunda admiração que tenho em você.

As amigas queridas Ruth, Luísa e Luíza pelo apoio com o trabalho na apresentação, no abstract e no incentivo. Ao secretário Miguel pela ajuda e disposição para a entrega do trabalho.

Aos meus amores da Comuna, da Casa Nove e do Guandú, parcerias de vida, que seguram tantas ideias libertárias e afetos no mundo.

Ao caboclo Tupinambá e à mãe Iemanjá pela força neste momento e na vida.

“Uma bela viagem deu-te Ítaca.  
Sem ela não te ponhas a caminho.”

(Ítaca de Konstantinos Kaváfis - Trad. José Paulo Paes)

## RESUMO

### PONTOS DE CONEXÃO ENTRE ECOLOGIAS E REDUÇÃO DE DANOS: UMA EXPERIÊNCIA NO CAPS AD CIA DO RECOMEÇO DE SANTA MARIA - RS

AUTORA: Laura Augusta Kleinpaul

ORIENTADOR: Prof. Dr. Paulo Edelvar Correa Peres

Trata-se da análise de experiência da oficina de horta no CAPS AD Cia do Recomeço na cidade de Santa Maria. A proposta de oficina, desenvolvida durante a edição III do grupo Ítaca, tem como guia o método da Redução de Danos e neste trabalho pretende-se traçar pontos de conexão entre este método/política com algumas visões de ecologia, como as três ecologias do filósofo Félix Guattari. A partir da problemática do ambiente natural, Guattari propõe uma ecosofia dividida em três ecologias, a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental, de modo a reconhecer novas singularizações que fujam às formas de produção de subjetividade do mundo capitalista. A partir principalmente do que seria a proposta de uma ecologia social, faz-se um alinhamento com a política de Redução de Danos na área da saúde mental, a fim de encontrar pontos em comum na tarefa de criar novas relações do ser em grupo e repensar os estigmas à que alguns grupos e indivíduos são submetidos por esferas judiciais, estatais e midiáticas. A partir dessa perspectiva, a oficina de horta no CAPS AD Cia do Recomeço propôs-se a ser um espaço de aprendizagens coletivas, mantido na base da autogestão, onde as práticas exercidas eram pensadas pelo grupo enquanto um compartilhamento de saberes. Utiliza-se o formato da oficina como um caminho educacional onde se busca a não hierarquização dos saberes e um modo de pensar a educação de forma não autoritária e não disciplinar; assim, a oficina de horta tornou-se um espaço de experimentações, de encontro, de afetos, onde ao invés de um saber dominante que é transmitido, foram somando-se conhecimentos a respeito dos cuidados com a terra e as plantas, da saúde, da alimentação e das questões ambientais, para se trabalhar uma educação ambiental que está fundamentada em uma ecologia que encontra a raiz da problemática ambiental nas questões sociais. Vê-se então a possibilidade de transformação a partir das alterações das relações e dos modos de produção de subjetividade, buscando experiências em que haja uma mudança de paradigma da competição e da dominação capitalista para uma ética e respeito a heterogeneidade.

**Palavras-chave:** Redução de Danos. Subjetividade. Ecologia. Oficina.

## ABSTRACT

### CONNECTIONS BETWEEN ECOLOGY AND HARM REDUCTION: AN EXPERIENCE AT CAPS AD CIA DO RECOMEÇO IN SANTA MARIA – RS

AUTHOR: LAURA AUGUSTA KLEINPAUL  
ADVISOR: PROF. DR. PAULO EDELVAR CORREA PERES

An analysis of the experience from the vegetable garden workshop at the CAPS AD Cia do Recomeço (Psychosocial Attention Center for Drug and Alcohol Addiction) at the city of Santa Maria. The purpose of the workshop, developed during the third edition of the Ítaca group, has as guidance the Harm Reduction method and this research pretends to trace connection points between this method/politics with some visions of ecology, like the three ecologies of the philosopher Félix Guattari. Starting from the problematic of the natural ambience, Guattari proposes an ecosophy divided in three ecologies, the social ecology, the mental ecology and the ambiental ecology, in order to recognize a new singularization form that flees from the forms of subjectivity production of the capitalist world. From what mostly would be a purpose of a social ecology, makes up an alignment with the Harm Reduction politics on the mental health area, in order to find common points on de task of creating new relations of the being in group and rethink the stigmas which some groups and individuals are submitted by judicial, state and midiatic spheres. From this Perspective, the vegetable garden workshop at the CAPS AD Cia do Recomeço made a purpose to be a learning space of collective learning, where the exercised practices was thinking on the group as a knowledge sharing. Utilize the format of the workshop as a educational method where it pursuits a non-hierarchy of knowledge and a method to think education as a non- authoritarian and non-disciplinary; that way, the workshop became a space of experimentations, meetings, affection where instead of one dominant knowledge being transmitted, it was about adding knowledge about the care with the earth and the plants, health, food and ambiental issues, to work an ambiental education that is grounded in an ecology that finds its roots on the ambiental problematic in social issues. So it reveals the possibility of transformation from alterations in relations and methods of subjectivity productions, looking for experiences where it has a change of paradigm of the competition and capitalist domination to an more ethic and respectful heterogeneity.

**Keywords:** Harm Reduction. Subjectivity. Ecology. Workshop.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Integrante da equipe mexendo na terra.....	44
Figura 2. Plantio de mudas em canteiro.....	44
Figura 3. Mudas de hortaliças.....	45
Figura 4. Eduardo, integrante da equipe da horta.....	46
Figura 5. Equipe da horta e canteiro de medicinais à frente do muro.....	47
Figura 6. Estudantes da Terapia Ocupacional que entraram no projeto Horta....	48
Figura 7. A equipe da horta.....	49
Figura 8. Hortaliças e pequenas mudas sendo plantadas.....	50
Figura 9. Hortaliças e Temperos.....	50
Figura 10. Oficina de produção de conserva artesanal.....	51
Figura 11. Conservas artesanais de alho com ervas finas.....	52
Figura 12. A parceria.....	54



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Álcool e Drogas
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CIS	Consórcio Intermunicipal de Saúde
CMI	Capitalismo Mundial Integrado
ERD	Escola de Redução de Danos
NAPS	Núcleo de Atenção Psicossocial
PRD	Programa de Redução de Danos
PTS	Programa de Troca de Seringas
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
RD	Redução de Danos

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
1.1. O que circula na (a)Horta.....	11
1.2. O Projeto Ítaca.....	14
1.2.1 Ítaca – Edição III: Oficinas.....	16
1.3. O CAPS Cia do Recomeço.....	19
1.4. Eu usuária: Reduzindo Danos.....	21
2. Objetivos.....	26
2.1. Objetivo geral.....	26
2.2. Objetivos específicos.....	26
3. Revisão de Literatura.....	27
3.1 As contribuições das três Ecologias de Félix Guattari.....	27
3.2 Traçando linhas em comum com a Redução de Danos.....	30
3.3. E a questão ambiental?.....	37
4. Metodologia.....	41
4.1. O almoço.....	41
4.2. A Composteira.....	42
4.3. Canteiros.....	43
4.4. Mudas.....	45
4.5. Saberes Compartilhados.....	46
4.6. Plantas Medicinais.....	47
4.7. Integração com equipe e outros grupos.....	48
4.8 Equipe.....	49
4.9 Hortaliças.....	50
4.10 Matérias-primas.....	50
4.11 Oficinas de Feitio.....	51
4.12 Produção de conservas com ervas.....	52
4.13 O Afeto.....	53
5. Conclusões.....	55
6. Referências Bibliográficas.....	56
7. Anexos.....	58

## **1 INTRODUÇÃO**

### **1.1 O que circula na (a)Horta**

A oficina de horta iniciou-se em 2017 no CAPS AD Cia do Recomeço e ainda está ativa nesse mesmo território. A oficina mantém-se viva em um processo coletivo que enraiza no pátio do Cia do Recomeço um espaço de aprendizagem, onde através do encontro com o outro e com o local, o grupo cria um momento de trocas, afetos, saberes e experimentações.

A partir da horta intenciona-se iniciar uma viagem, a cada encontro uma nova, em que não sabemos aonde vamos chegar, mas pelo caminho alguns pontos vêm a ser perpassados. Nisso o encontro com a Educação Ambiental se faz presente, ao menos com uma noção de ecologia em que não se tem obrigadoriedades e compromissos bem definidos por acordos globais ou políticas institucionais, mas uma que chama ao pensar nossas relações no ambiente seja ele o CAPS, a cidade ou o planeta, através da perspectiva dos atravessamentos que se fazem em nossos próprios corpos e que com ela compomos acerca de nossas demandas, problemas e potências. Nesse âmbito a oficina se desenrola sobre pontos que envolvem o pensar nossa própria saúde, a troca de saberes, os afetos, nossas relações com o corpo, com o território que habitamos, com o ambiente.

Talvez o objeto pudesse ser outro e as questões fossem ainda parecidas e dentro desse âmbito tão planetário e humano que é a ecologia, já que a partir de nossas identificações, semelhanças e mesmo diferenças que se encontram num mesmo espaço institucional, o CAPS, cada indivíduo ali com sua realidade interage criando um campo de relações em que se constroem práticas educacionais e trocas de experiências que envolvem nossas formas de olhar o meio, o conjunto social, o planeta.

Começa-se muitas vezes sem saber como. Começa-se às vezes com qualquer coisa. Pois o que interessa para aqueles que se valem da filosofia de Deleuze e Guattari, não é nem o saber e nem a verdade como motivos (ou começos) que inspirariam a prática filosófica, mas sim o interessante, o notável; as paisagens imprevisíveis de pensamento e vida que eles abrem para nós. Nesse sentido, não se trata de usar a filosofia da diferença para discutir ou debater questões ambientais, mas de praticá-la em proveito da criação contínua e não dimensionável da novidade, de novos modos de perceber, pensar e sentir que abram novas regiões do viver, que abalem nossas verdades, as verdades do nosso tempo, e, fazendo-o, desestabilizem o que até então chamávamos o campo ambiental: teorias e objetos bem definidos, territórios de ação bem delimitados, especialistas cientes de seu discurso. (GODOY, 2015, p.6).

Nesse trecho em que nos fala Ana Godoy, somos direcionados para olhar a prática de outras ecologias, ecologias inventivas e menores, que afirmem a invenção de experiências singulares, vindo na heterogeneidade uma condição da experiência humana. A educação ambiental que parte dessa forma de ver ecologias é atraída para essa pesquisa, de forma a conectar processos de redução de danos e reflexões acerca de nossa subjetividade construída na sociedade capitalista com uma ecologia que perceba novas formas de habitar e parta não do que já está assegurado, como o que é dito sustentável, como o que é exposto como correto, com o que “todos sabem”, pois citando Deleuze e Guattari, Godoy explica (2015, p.3):

O que “todos sabem” cola-se às identidades ilusórias que o presente atual coloca diante de nós, por isso ele nada cria – nada inaugura, nada abre, apenas assegura o já criado.

O que todos sabem muitas vezes está atrelado a um pensamento pronto, colocado, com o qual convivemos em neutralidade. Esta outra ecologia, não apegada às noções que o capitalismo, o consumismo e a sociedade de controle pregam como acordos para um bem viver, vem a desconfiar destas tendências, não ignorando a problemática ambiental, mas deslocando o pensamento para perceber os inícios, as relações com o mundo a partir da vivência, as questões antes do que já vêm pronto. Como cita Corrêa (2012, p.236):

E as estratégias para a educação ambiental, muitas delas resultados de pesquisa acadêmica, insistem na conscientização e acabam por disseminar slogans que, como mensagens, tomam lugar do pensamento. Nesse movimento, acabamos por executar as palavras de ordem dos slogans e nos impedimos de perceber o que acontece a nossa volta em seu ineditismo, o que faz com que nos tornemos replicadores do mesmo.

A proposta desse projeto de horta trata-se de resultado da edição III do Projeto Ítaca - Escola de Redução de Danos (ERD), realizada em 2016. O Grupo Ítaca tem atuado na problematização do campo das drogas por meio de ações de ensino e pesquisa nas áreas da saúde, educação e cultura, visando à formação e debate em relação à problemática na atualidade, tomando a oficina e a redução de danos como dispositivos para a formação em educação e saúde. Assim, a partir da participação e pesquisa desenvolveu-se o projeto, a fim de construir um espaço de aprendizagem dentro do CAPS AD, onde todos interessados estivessem convidados à construção coletiva do espaço de horta e ao que acreditamos ser a potência dos encontros.

O encontro, entretanto, é o que mantém o processo até hoje após dois anos de sua proposição, e é este encontro como potência que nos proporciona trabalhar essa outra perspectiva de educação ambiental, de forma a experimentar a reinvenção de certas relações, de funções já estabelecidas, para pensar o contexto ambiental através de nossas relações e vivências com o mundo e não somente de slogans que replicamos. A horta é dispositivo de trabalho coletivo, conexão com formas orgânicas, da natureza, geradora e multiplicadora de saberes que são acumulados durante vidas, gerações. Ela desloca nosso olhar para questões do nosso habitar no mundo, para nossas relações com o meio, com a cidade, com o campo, com nossa alimentação, saúde e autonomia.

Este trabalho aqui iniciado a partir da experiência da horta se trata então de uma pesquisa no campo da ecologia e da educação ambiental, porém com o intuito de estar alinhada a um pensamento de certa reinvenção desse campo, encarando as ecologias como múltiplas e inventivas, e a problemática ambiental com suas diversas linhas e não a partir de um pensamento totalitário.

Considera-se a importância de repensar além de nossa relação com o ambiente, nossas relações sociais, e os papéis a que estão sujeitos alguns corpos em nossa sociedade. Aí se encontra o sujeito usuário do sistema de saúde, usuário de drogas, e todo o estigma social que o aprisiona em identidades marginalizadas e desvaloriza seus saberes em relação ao seu próprio uso e corpo. A partir da problematização dessa noção, a horta tem como objetivo ser um processo de autogestão, sendo um trabalho que se desenvolve a partir da ação coletiva, do grupo

de usuários e profissionais que a compõem pelo interesse do fazer, e que a mantêm a partir de verba, trabalho e organização compartilhadas. Assim, o espaço se dá tanto pelo interesse, quanto a partir de certa espontaneidade. Sendo todos gestores do espaço da horta, não há uma aula em que o conhecimento toma ares de transmissão, nem detentores de saberes que precisam transmitir aos outros, ou um único planejamento a ser seguido, cada encontro pode reservar ou não alguma ideia nova, acontecendo a partir do compartilhamento dos saberes e da criação.

“O que circula na (a)Horta” foi o título de nossa exposição no Seminário Regional “Outras Palavras sobre Álcool e Outras Drogas: Primavera da Redução de Danos”, evento realizado pelo Conselho Regional de Psicologia e a Prefeitura de Santa Maria em setembro de 2018, sendo um breve enunciado poético, a partir de uma forma afetiva que o Thiago, integrante do grupo, um dia chamou nossa horta, a (a)horta. Entendo essa analogia com a artéria aorta pela forma com que a horta contribuiu para oxigenação de nossos processos pessoais e processos dentro do CAPS, ela como respiro, como espaço de potência, fazendo circular o sangue de quem nela mexe, de quem a faz viver e vive com ela.

## **1.2 O projeto Ítaca**

Para compreendermos um pouco mais sobre o Projeto Ítaca, Escola de Redução de Danos (ERD), apresento um breve resumo sobre o movimento Redução de Danos em Santa Maria a partir dos anos 2000. Apoio este resumo referenciando-me na dissertação de mestrado de Alexandra Raquel Porazzi, “Projeto Ítaca: Estratégias Educacionais para a Abordagem da Questão das Drogas”, integrante da primeira edição do projeto.

Segundo Porazzi (2014, p.40 apud SILVA, 2010) em Santa Maria ações de redução de danos já existiam desde 2001, e eram praticadas por profissionais contratados pelo Consórcio Intermunicipal de Saúde (CIS). No ano de 2002, porém, uma equipe da prefeitura encabeçou a implementação do Programa de Redução de Danos (PRD) na cidade, iniciando os movimentos com uma equipe diferenciada das demais, pois não tinham profissionais tradicionais da área da saúde como médicos e enfermeiras. Após encaminhamentos burocráticos e com a contratação oficial dos

trabalhadores, a equipe inicia os trabalhos de campo e em 2004 conquistam uma nova sede. Esta nova sede foi a ainda atual Casa Treze de Maio, que fez poder expandir o PRD e também implantar uma nova política municipal para o HIV/AIDS.

A equipe se juntou aos redutores de danos do CIS, que até então faziam práticas separadas, contratando-os para agregar ao PRD. A equipe foi tomando corpo, novos profissionais foram contratados, todos sob o critério de terem afinidade com o tema e não atuarem de acordo com práticas proibicionistas de guerra as drogas. (PORAZZI, 2014, p.40)

Depois de alguns anos de muita vitalidade, o projeto PRD começou a perder força em 2009 em decorrência da demissão em conjunto dos profissionais contratados, restando os profissionais concursados e um grande abalo na equipe. "Esta mudança significativa conseguiu movimentar também alguns desdobramentos positivos [...]" (PORAZZI, 2014 p.41). Apesar da situação difícil em relação ao PRD e a falta de redutores de danos no município, surge o Projeto Ítaca. Rumando em uma direção desconhecida porém potente, a chance foi vislumbrada a partir de um edital publicado pelo Ministério da Saúde. Foi aprovado o *Projeto Ítaca: redução de danos como ferramenta para práticas intersectoriais em saúde*, construído por uma equipe muito envolvida com a RD na cidade e composta por um professor, dois psicólogos e uma sanitária.

O projeto dividia-se em duas partes, a primeira era a construção de um grupo que iria "estudar, problematizar e planejar estratégias pedagógicas em redução de danos" (PORAZZI, 2014, p.42), para estruturarem um curso a ser oferecido na segunda parte para profissionais e universitários das áreas da saúde, justiça e licenciaturas. Aí começa a trajetória rumo à Ítaca, um caminho que é tão importante quanto o destino.

Mais do que uma forma unilateral de compreender a redução de danos, apenas como uma política institucionalizada que reduz prejuízos causados pelo uso intensivo de alguma substância, com ações como a troca de seringas e campanhas de prevenção, visando melhorar a qualidade de vida do usuário, os encontros com o Ítaca foram ampliando o olhar sobre o método e o conceito de RD. Com a intenção de mover o pensamento em direção às noções que temos de drogas e a dimensão política que elas carregam, as ferramentas para o trabalho da RD em campo, à arte e a cultura periférica, ao direito à saúde, à novas subjetividades, à estratégias no

campo da educação, à problematizar as relações de poder em nossa sociedade e os estigmas socialmente construídos, e as formas de potencializar a vida.

[...] as estratégias de Redução de Danos são um avanço em relação à política proibicionista por não considerarem o uso de substâncias psicoativas, a priori, bom ou mau, mas por abordá-lo a partir das experiências das pessoas com a droga em relação aos aspectos econômicos, sociais, culturais, rituais, etc. envolvidos em seu uso. (OLIVEIRA, 2009, p.111 apud RODRIGUES, 2003b)

Uma questão foi pulsante ao grupo Ítaca para que se pensasse este primeiro curso de formação: Ao ingressarmos em um curso universitário temos, sem dúvida, uma compreensão sobre drogas. Com que compreensão saímos da Universidade e iniciamos a vida profissional?

Porazzi nos conta,

O público do curso foi composto por estudantes universitários e também trabalhadores que já foram estudantes e a partir da fala deles se confirmou que raramente se problematiza ou se pensa sobre drogas nos cursos universitários e o curso Ítaca tentou movimentar o pensamento, pelo menos, das pessoas que ali estiveram. Agora todos sabiam o que significava Ítaca. (2014, p.82).

### 1.2.1 Ítaca – Edição III: Oficinas

O projeto já estava em outra parte da viagem quando embarquei junto. Após esse primeiro curso de RD que reuniu diversos profissionais da área da saúde, estudantes e redutores de danos de várias regiões do estado, houve mais uma edição em 2013, foi o *Projeto Ítaca: redução de danos como ferramenta para práticas intersetoriais em saúde II*, que agregou mais pessoas e experiências à jornada do grupo. Somente em 2016, entretanto, quando mudei-me para Santa Maria, é que encontrei-me com o grupo.

O contexto era diferente neste ano, já não havia qualquer financiamento ao projeto e a Edição III do Projeto Ítaca foi realizada a partir da vontade e a necessidade de continuar as formações, porém sem nenhuma verba. Nosso apoio foi nossa casa-barco: O CAPS AD Cia do Recomeço, que ao mesmo tempo que recebeu nossos encontros de formação, era o território que demandava nossa



atenção. Nossa viagem rumo à Ítaca começava ali, e ao mesmo tempo aquele era o nosso caminho e o nosso destino, ao menos daquele momento.

A proposta desta edição era explorar um aspecto dentro do que foi pensado enquanto ferramentas interessantes à redução de danos, desta vez bastante dentro do campo da educação, era o conceito de Oficina.

Assim começou nosso processo. No final do expediente semanal do CAPS AD, sextas-feiras, das 16h às 18h, reuníamos entre algumas pessoas, cerca de dez que foram movimentando-se entre lá e outros espaços durante o processo, para a partir ou não de nossas formações acadêmicas investigar um tema que nos apaixonasse ao ponto de construir a partir dele uma proposta de oficina.

Embora tenham um eixo temático explicitado pelo próprio título, cada oficina é suporte para um sem número de possibilidades e de resultados. Isto se deve ao entrelaçamento entre o que se propõe, que diz respeito a uma escolha do oficineiro, e as experiências de cada participante. Os fios que o oficineiro empresta à essa trama são, no final das contas, ele mesmo, ou seja, o tema e as estratégias que usa são ligados muito mais ao que ele gosta, a algo que tenha importância existencial do que algo que ele "deve" dizer como obrigação contratual. Assim, a eleição do tema de uma oficina estaria mais ligada ao que escolheria como passatempo, ou como premente, inadiável ou ainda como poético embelezador da sua vida. Tais fios devem sair dele como saem os da aranha, fios que são resultado do que come, da caçada que empreende diariamente e não adereços que o seu poder de compra permite adquirir no mercado. (CORRÉA, 1998, p.70).

A noção de oficina vem como um outro território em educação que ali se pensava como uma também ferramenta para o trabalho na saúde. A oficina vem abrir caminho à uma nova prática, um compartilhamento de saberes, a um momento de compor com o outro, mover o corpo em direção a algo a ser experimentado e, portanto, criar outros pontos de potencialização da vida. Ela é um outro território porque pensa a educação de uma forma não convencional às estratégias encontradas principalmente no universo escolar.

Eu, até então graduada em produção audiovisual, havia largado os trabalhos com o cinema porque me interessava mais naquele momento buscar não estar criando uma imagem, mas sim a experienciando com meu próprio corpo. Ainda não entendo muito bem o que fez com que eu trocasse de caminho, mas demandava trocar a câmera pelo corpo, e nesse momento da vida a agroecologia e o contato direto entre o corpo as plantas e a terra me interessava mais que realizar uma

produção audiovisual. Foi nesse contexto que sabia que meu real interesse, ao menos naquele momento, não era criar algo em relação ao cinema, mas sim pensar uma oficina sobre algo que eu necessitasse e ainda não entendesse nada.

O não entender nada sobre sua própria proposta me assustava um pouco, porém era a única saída para que eu propusesse algo de que também tivesse interesse em apreender. Pensar oficinas no sentido de uma oficina de carros, de bicicletas, de consertos, me ajudou a compreender melhor essa ideia. Elas seriam como um laboratório, espaço coletivo de aprendizagem e trabalho, “são tomadas como um campo autônomo de práticas em educação” (OLIVEIRA, 2009, p.166).

Desse modo a oficina põe-se como um trabalho de formação de educadores, de pessoas capazes de criar situações de diálogo com as pessoas interessadas pelo que está sendo proposto. O emprego dessas estratégias visa antes a quebra de hierarquias tanto entre os saberes quanto entre as pessoas, o que levaria a situações de educação não autoritárias. (CORRÊA, 1998, p. 70).

O trabalho da oficina no CAPS AD foi a tentativa de criar essas situações de diálogo, tanto entre os integrantes da oficina de Horta quanto um possível diálogo maior entre usuários e equipe de profissionais. A aposta da potencialidade vem em pensar esse espaço de diálogo podendo existir de forma mais sensível e recíproca, considerando a subjetividade das pessoas envolvidas e suas histórias, onde no diálogo e no pensar a relação com o álcool e outras drogas não seja um espaço em que “as alternativas colocadas visam simplesmente o abandono do uso da droga, desconsiderando aspectos que atravessam sua relação com a substância”. (OLIVEIRA, 2009, p.167).

Várias foram as áreas de interesse e temas que vieram compor com nossa formação em oficina. Costura e estêncil em panos de prato, marcenaria, grafite, horta, poesia, expressão corporal. No início do processo as oficinas eram experimentadas entre o grupo nas sextas-feiras, e algumas depois foram propostas aos usuários e equipe do CAPS.

A partir desse olhar e mais de um ano depois de processo de formação no grupo, desenvolvi a proposta de oficina de Horta. A intenção é que esse espaço de diálogo e trabalho movimentasse nossos corpos e o próprio corpo CAPS Cia do Recomeço, ocupando o espaço do pátio, para nos aproximar de práticas de

autonomia. A autonomia em relação aos nossos corpos, aos saberes, à relação com a terra, e à prática de uma educação ambiental em que repensemos nossas relações sociais e ecológicas nos territórios que ocupamos.

Para mim, Ítaca foi como um barco no qual saltei e fui recebida afetuosamente por meus companheiros de viagem. Nesse processo cada um olhava para seu horizonte, escolhia seu caminho, mas navegávamos acompanhados uns dos outros e guiados pela mesma lua. Cada Ítaca a ser encontrada e cada viagem ocorreria de forma diferente, mas o que nos abarcava era compartilhado e dava-nos condição e inspiração para viajar.

### **1.3 O CAPS AD Cia do Recomeço**

A década de 1980 marca no país o início das lutas do movimento da Reforma Psiquiátrica de forma popular e legislativa e a implantação de importantes projetos que hoje são a base de nossas diretrizes na saúde pública. Em 1988 o SUS – Sistema Único de Saúde – é criado com a nova Constituição, assim como os Conselhos Comunitários de Saúde como ferramenta de controle social; e em 1989 o Projeto de Lei do Deputado Paulo Delgado (PT/MG) dá entrada no Congresso Nacional com objetivo de regulamentar os direitos das pessoas com transtornos mentais e propor a extinção progressiva das instituições manicomiais.

Neste mesmo ano de 1989 aconteceu uma intervenção de repercussão nacional da Secretaria Municipal de Saúde de Santos (SP) na Casa de Saúde Anchieta, hospital psiquiátrico abusivo em que foram constatados variados tipos de maus-tratos e mortes de pacientes. Este caso abriu caminho para a possibilidade de mudança no sistema de saúde mental e a perspectiva de uma rede de cuidados ética substitutiva ao hospital psiquiátrico. Neste contexto, dois anos antes, em 1987, um importante processo havia começado na cidade de São Paulo, foi o surgimento do primeiro CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) no Brasil.

Novas diretrizes em construção na Reforma Psiquiátrica passam a assumir um importante papel na definição da política para a saúde mental do Ministério da Saúde, que começa a fazer valer novas práticas. A partir de 1992, os movimentos sociais conseguem aprovar as primeiras leis que determinam a criação de uma rede

de atenção à saúde mental em substituição aos manicômios, e novas experiências de CAPS são implementadas no resto do Brasil. É em 2002, porém, que uma linha específica de financiamento do Ministério da Saúde começa a existir para o serviço, momento em que os CAPS ganham grande expansão. Segundo relatório “Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil”, do Ministério da Saúde (2005, p.8):

É na década de 90, marcada pelo compromisso firmado pelo Brasil na assinatura da Declaração de Caracas e pela realização da II Conferência Nacional de Saúde Mental, que passam a entrar em vigor no país as primeiras normas federais regulamentando a implantação de serviços de atenção diária, fundadas nas experiências dos primeiros CAPS, NAPS e Hospitais-dia, e as primeiras normas para fiscalização e classificação dos hospitais psiquiátricos.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são pontos de atenção da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), eles são unidades prestadoras de serviços do Sistema Único de Saúde, portanto são de acesso a toda comunidade, e tem como política construir um espaço de atenção aberto, substitutivo aos modelos manicomial, pensando o cuidado em uma rede integrada onde os usuários possam ter atendimento e ao mesmo tempo estar em liberdade, preservando seus laços sociais no território. O atendimento é voltado às pessoas com transtornos mentais ou com necessidades pelo uso de álcool e outras drogas, oferecendo atenção e acolhimento em momentos de crises e no acompanhamento clínico, constituído de uma equipe multiprofissional, para consultas, grupos, atividades, informações e estratégias de reinserção social. Além disso, são os CAPS articuladores da rede e da política de saúde mental em determinado território, sendo função deles organizar a rede, dando suporte à outros serviços de atenção à saúde mental no município.

É função dos CAPS prestar atendimento clínico em regime de atenção diária, evitando assim as internações em hospitais psiquiátricos; promover a inserção social das pessoas com transtornos mentais através de ações intersetoriais; regular a porta de entrada da rede de assistência em saúde mental na sua área de atuação e dar suporte à atenção à saúde mental na rede básica. [...] De fato, o CAPS é o núcleo de uma nova clínica, produtora de autonomia, que convida o usuário à responsabilização e ao protagonismo em toda a trajetória do seu tratamento. (BRASIL, 2005, p.25).

Neste contexto histórico, na cidade de Santa Maria, surge em 2009 o segundo CAPS AD II da cidade, o Cia do Recomeço. Seu surgimento se deu a partir da mobilização da população e trabalhadores de setores da saúde como resposta à

necessidade de ampliação da rede de saúde mental principalmente para atendimento de jovens na cidade. Sendo um serviço do tipo II, ele conta com um atendimento semanal, no turno da manhã e da tarde, voltando-se a ações de cuidado às pessoas com necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas.

A partir do ano de 2012, o serviço que atendia somente jovens até então passou a atender a pessoas a partir de 12 anos em geral, dependendo do seu território de residência, dividindo a demanda de usuários com o outro CAPS AD da cidade, o CAPS Caminhos do Sol. Sua proposta de atendimento segue as diretrizes dos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira, como visto anteriormente, assim como da Política Nacional de Humanização do SUS, da Política do Ministério da Saúde de Atenção Integral aos usuários de álcool e outras drogas e a Política de Redução de Danos do estado do RS.

A partir desses princípios, o Cia do Recomeço tem se proposto a materializar tais ideias em suas diferentes formas de atuação, enfatizando o protagonismo dos usuários e também as propostas de cuidado nos territórios. Buscando potência em dispositivos de educação, cultura e das artes como ferramentas para o cuidado, visa a redução dos estigmas e preconceitos ligados ao campo das drogas, bem como a problematização da noção e do uso dessas substâncias em nossa sociedade.

#### **1.4 Eu usuária: reduzindo os danos**

Faço aqui um breve resumo de minha trajetória na época em que me juntei ao grupo Ítaca, com a intenção de tentar contextualizar a importância do que foi, e ainda é, para mim este encontro.

Ao chegar no CAPS AD em 2016 eu jamais havia estado dentro de um CAPS e a questão do pensar o uso de álcool e outras drogas era ainda bastante nova para mim. Entretanto, a saúde mental era um tema que já nesta época percorria minha vida, em linhas gerais, é um tema que percorre fortemente meus pensamentos desde a infância. Foi então que ao ser convidada por minha amiga Marília para conhecer o projeto, a possibilidade do encontro já logo se desenhava potente.

Desde as memórias mais antigas da minha infância lembro de conviver com os sintomas de Transtorno Obsessivo Compulsivo (T.O.C). O pensamento

obsessivo, as compulsões diárias, quase que constantes, e a dificuldade de executar tarefas e me sentir confiante em mim mesma, foram engessando alguns pontos de meu cotidiano e tornando minha saúde mental um grande desafio para que eu pudesse melhorar minha qualidade de vida. Apesar de aprender a conviver com o T.O.C, já que nem lembro quando ele não esteve comigo, os sintomas continuam sendo um grande desafio que com o tempo talvez tenham criado certos vícios e padrões de comportamento.

Para não me estender na autoanálise, trago este relato para contextualizar aquele ano de 2016. Muitas mudanças haviam acontecido em minha vida naquele período, inclusive a mudança de Porto Alegre para Santa Maria. Porém, esta mudança entre outros motivos havia sido impulsionada pelo início de um relacionamento amoroso em Santa Maria. Alguns meses haviam passado e eu ainda não entendia muito bem que rumo dar à vida nessa nova cidade, a pergunta ficava cada vez mais latente já que eu entrava em um profundo desânimo e confusão mental com a possibilidade já quase definida do término da relação que me levará até lá.

No segundo semestre de 2016 o encontro com o grupo Ítaca iniciou uma abertura de caminhos importantes em minha vida. Ao começar a estudar a Redução de Danos, bastante nova para mim até então, ainda mais nesta perspectiva mais abrangente e potencializadora do projeto Ítaca, identifiquei-me muito com aquelas questões. Perguntava-me qual era o meu dano e constatava minha relação de forte dependência emocional, não com uma substância, mas com uma pessoa. O relacionamento me causava muitos danos e eu com a não aceitação do término causava ainda outros mais a mim e a pessoa envolvida. É possível que um dano mais antigo me levasse àquela situação toda e à grande dependência emocional, o desafio com o TOC talvez, mas isso só pude começar a entender mais tarde. Durante o tempo em que não consegui me desprender da situação conseguia perceber o quanto tudo era prejudicial, ainda assim sentia a necessidade de estar ali muito mais forte que minha consciência de que aquilo não era saudável, e foi um longo processo até que eu aprendesse a me relacionar de forma menos danosa.

O ponto de intersecção dessa história com a minha relação com o CAPS AD foi o entendimento de que todos estamos sujeitos à inúmeras substâncias e relações às quais em determinado momento precisaremos pensar nosso uso - drogas lícitas,

ilícitas, comidas, açúcar, café, pessoas, relacionamentos – os casos nunca são os mesmos e também não são os mesmos os estigmas. Repensar a noção de drogas foi importantíssimo para pensar como hierarquizamos nossas relações na sociedade e como alguns corpos são estereotipados e desvalorizados por uma visão preconceituosa e ofuscante, baseada em uma noção proibicionista de drogas que serve muito mais a um jogo político do que a refletir sobre situações de vulnerabilidade e promoção de saúde. Como discorre Côrrea (2010, p.167-168),

A identidade de drogado é uma das barreiras mais fortes que se coloca entre os profissionais das áreas da saúde, da educação e da justiça, e pessoas que fazem uso de substâncias ilegais. É muito raro um destes profissionais ultrapassar tal barreira e ver, para além da ameaça representada pela figura plana e sem espessura do drogado, alguém se movendo, com sonhos, vontades, tristezas, experiências, preferências, limites próprios de suportabilidade, amor, desafetos, etc. Assim, a maioria dos contatos com identificados como usuários de drogas se dão, quase que exclusivamente, com os atributos que identificam a figura do drogado, pouco ou nada parece haver para além de uma ameaça. Desse modo temos vivido e, por décadas, estamos sendo formados nos cursos universitários. Há uma perspectiva que une todas essas formações e, conseqüentemente, as atuações profissionais correspondentes. Essa perspectiva é a da guerra às drogas.

Durante minha trajetória no CAPS me considerei também uma usuária daquele sistema de saúde, sendo ali um espaço de fortalecimento, através das relações de afeto construídas, para que eu lidasse com meus sintomas, minha saúde mental, minhas relações danosas e apreendesse novas formas de potencializar a vida. Talvez para os outros usuários isso pudesse não ser tão perceptível já que eu personificava a imagem de uma estudante, *oficineira*, e não compartilhava de fato da experiência com o uso das mesmas substâncias que em primeira instância os trouxeram até lá, também pouco mencionava meus sintomas e durante o grupo de escuta não consegui quebrar a barreira e me abrir completamente, por achar que talvez não fosse conveniente ocupar aquele espaço de fala e mais ainda pela própria dificuldade de expor meu transtorno e os sintomas com os quais convivo. Ainda assim, nossas histórias de vida foram compartilhadas em nossos encontros, e pontos do cotidiano, situações, questões, emoções, encontraram espaço para surgirem em nossos almoços, capinas, plantios, oficinas.

É neste ponto que, mesmo não tendo certeza de como expressar minhas questões de saúde mental no encontro com os usuários do CAPS e se era realmente necessário atravessar aquele espaço com outras especificidades, acredito



que a partir dos lugares em comum e da proposição de um espaço não hierárquico de trabalho ou com posições bem definidas como o professor e o aluno, o usuário e o profissional, este trabalho alinha-se ao pensamento de Guatarri (2001), ao citar na ecologia social sua função de ressignificar experiências no conjunto de interações do ser em grupo, a nível microssocial quanto institucional, caminhando em direção à novas práticas éticas, estéticas, políticas.

Uma mesma perspectiva ético-política atravessa as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres legados por um urbanismo que se queria moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais etc. Tal problemática, no fim das contas, é a produção da existência humana em novos contextos históricos. A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc. (GUATTARI, 2001, p.15).

Ao tentar traçar pontos de ligação neste trabalho entre as ecologias sociais e a própria redução de danos para um trabalho de educação ambiental fundamentado em paradigmas que intencionem mais sinceridade e a reinvenção de outros formatos de relação, considero que possa ser em algum nível importante esta colocação bastante pessoal para ilustrar os caminhos que possibilitaram este encontro. Ainda que a circulação ao meio universitário que tive acesso tenha me possibilitado em muito o encontro com o grupo Ítaca, foi minha situação emocional e psicológica que de fato me integrou ao projeto, e a partir da lógica da redução de danos, intensificou o pensar a respeito dos danos que compartilhamos e que ocasionam diversos usos e diversas realidades, não restringindo o olhar pelas estruturas políticas que forjam discursos e estigmas sociais - como a figura tão reforçada pela mídia do drogado como uma ameaça - sobre determinados corpos e determinados danos e outros não.

Ali mais do que trabalhadora da área da saúde, formação que não tenho, ou estudante, o significado que o espaço ocupou para mim foi o de possibilidade de fortalecer minha própria saúde mental, campo para estar em convívio e potencializar outros aspectos da vida que não a “doença”. Considero, portanto, uma troca muito potente em minha vida a que acontece nesse espaço de aprendizagens que é a oficina de horta, onde a intenção de olhar com cuidado para a própria saúde era compartilhada tanto por mim, proponente, quanto pelos colegas



usuários do CAPS que se interessaram em fazer parte, e através do afeto e da vontade de estar juntos, desenvolver um momento de experimentação e cuidado coletivo, onde o saber não é direcionado de um detentor do conhecimento aos que ainda não o detém, ao contrário, o saber está espalhado entre todos que ali compõem, vão costurando ponto à ponto, encontro à encontro, uma prática.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Relatar a experiência da oficina de horta que se realiza nas dependências do CAPS AD Cia do Recomeço na cidade de Santa Maria, que intenciona construir um espaço educacional onde se abarcam práticas de autonomia, cuidado e saberes compartilhados, através de uma perspectiva da redução de danos e de algumas visões de ecologia.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Construir em conjunto da equipe e dos usuários uma oficina de horta nas dependências do CAPS AD Cia do Recomeço.
- Propor um espaço de oficina que abarque o conhecimento de forma compartilhada, não hierarquizada, e que estreite relações entre profissionais e usuários do sistema.
- Elaborar produtos artesanais a partir das plantas cultivadas.
- Utilizar a redução de danos como método das práticas de cuidado dentro do grupo de trabalho.
- Analisar a experiência a partir de visões de ecologia, como a ecologia social de Félix Guattari, a fim de traçar um diálogo com a prática da Educação Ambiental.

### **3. REVISÃO DE LEITURA**

#### **3.1 As contribuições das Três Ecologias de Félix Guattari**

Pierre-Félix Guattari (1930-1992), psicanalista francês, foi um militante político com marcantes contribuições práticas e epistemológicas durante sua vida no campo social, começando sua atuação no contexto do pós-segunda guerra e criando grupos, trabalhos e publicações em uma interligação de diversas áreas como a saúde mental, a filosofia, a sociologia e a ecologia.

Segundo Porciuncula et al., em texto “As Três Ecologias de Félix Guattari e o tempo de envelhecer”, sua produção intelectual está associada à sua militância política, sendo para ele o pensamento uma ferramenta de luta social. Portanto, a partir de sua área de formação na saúde, referia-se aos problemas psicopatológicos incluindo-os dentro do universo social. Guattari cria, ao afastar-se dos conceitos de Lacan, do marxismo tradicional e de Freud e aliado a outros pensadores como René Lourau e Georges Lapassade, a Análise Institucional como uma corrente de pensamento. A partir daí ele permeia a Educação Ambiental, analisando o movimento dinâmico do mundo e o jogo das forças sociais que se modificam ao longo do tempo.

Tomando como ponto inicial as profundas mudanças ocorridas na sociedade moderna nos últimos 50 anos, expõe em sua obra *As Três ecologias* a preocupação pelos aspectos mais humanos que influenciam direta ou indiretamente na deterioração da sociedade e do meio ambiente. Os “aspectos mais humanos” referem-se às características psicológicas inerentes ao homo sapiens que se encontram na raiz dos problemas ecológicos e sociais do nosso planeta. Como exemplos desses arquétipos da psique humana, temos: o instinto de violência, a vontade de dominação e todo padrão psicológico que nos afasta da afeição à vida. (PORCIUNCULA et al., 2012, p.128).

No encontro com o filósofo Gilles Deleuze e no contexto das lutas libertárias de Maio de 1968, em eventos que marcados por movimentos sociais formavam uma rede de contestação geradora que eclodia no corpo social, eles começam a desenvolver o conceito de Esquizoanálise. Esta área de conhecimento muito

abrangente serve como uma caixa de ferramentas para compreender os fenômenos históricos-sociais que afetam o inconsciente e as formas de produção de subjetividade da sociedade capitalista. A esquizoanálise não se fecha apenas aos questionamentos no meio psicanalítico, ela vem como a análise do desejo, incidindo em atravessamentos dos grupos e dos indivíduos, por isso ativamente política, já que demonstra que a formação do desejo não está restrita às explicações familiares e sim à produção social, ao contexto, à cultura.

“A Esquizoanálise não incide em elementos nem em conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em lineamentos, que atravessam tanto os grupos quanto os indivíduos. Análise do desejo, a Esquizoanálise é imediatamente prática, imediatamente política, quer se trate de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade. Pois, antes do ser, há a política.” (DELEUZE; GUATARRI, 1980/1996, p. 77-78 apud PERES et al., 2000, p.36).

Em sua reflexão sobre a situação tecnocientífica em que está o planeta, Guattari sugere deixar de separar a natureza da cultura e então pensar as interações entre os ecossistemas, tanto o individual quanto o social, assim como o da natureza e o da esfera mecânica. Para isso deveria haver uma gestão mais coletiva que orientasse a tecnologia e a ciência para direções que não ameaçassem a vida na terra.

Neste projeto utilizo do ensaio “As Três Ecologias” como teoria ecológica para fundamentar o pensar da Educação Ambiental. Dado o importantíssimo trabalho de Guattari na sua área de formação, a psicologia, ele na mesma medida serve de aporte no tema da saúde mental que busco aqui conectar à educação ambiental. Acredito que o trabalho vinculado ao CAPS AD e ao pensamento da redução de danos esteja indo ao encontro das ecologias sociais e mentais que o autor descreve, refletindo sobre as mudanças possíveis de subjetividade nesses âmbitos, assim como as reflexões de sua ecologia ambiental que aqui direcionam a prática da educação ambiental.

Em “As Três Ecologias” o autor alerta sobre os desequilíbrios ecológicos dos modos de vida contemporâneos que estão rumando a uma intensa deterioração de nosso habitat. Em resposta, ele segue em contra corrente ao sistema atual, propondo uma transformação política, social e cultural em nível planetário. Para isso traz à tona a noção de subjetividade e defendendo que esta foi de diversas formas

capturadas pelo capitalismo, coloca na ressingularização da subjetividade em diversos âmbitos a chave para uma possível e intensa transformação de paradigmas.

Introduz então a Ecosofia como alternativa para superação dos problemas ambientais, trazendo a filosofia como elemento essencial à experiência e ao crescimento humano, capaz de retirar a subjetividade de um processo de infantilização institucionalmente construído e servir de alicerce à compreensão dos sistemas que interligam-se no habitat e novas formas de construir interações. Guattari divide a ecosofia em três, formando-se então a ecologia mental (subjetividade humana), a ecologia social (relações sociais) e a ecologia ambiental (meio ambiente) como forma de problematizar a questão ecológica.

**Ecologia social:** Abarca as práticas específicas de relação dentro da modalidade casal, família, trabalho, comunidade, cidade, etc., e novos valores que venham a reinventar os formatos dessas relações. Resignificar e estabelecer novas experiências no conjunto de interações do ser em grupo, através de mudanças relacionadas a nossa subjetividade, portanto, ao parar de seguir as recomendações gerais como único caminho abriríamos espaço para novas práticas éticas, estéticas, políticas, sensíveis, tanto nos níveis microssociais quanto institucionalmente. Não pretendendo, porém, que a mudança seja em completo primitivista, retornando às fórmulas anteriores de períodos em que “ao mesmo tempo, a densidade demográfica era mais fraca e a densidade das relações sociais mais forte que hoje.” (GUATTARI, 2001).

**Ecologia da mente:** Trabalha no âmbito da relação do sujeito com o corpo, com o tempo que passa, com os mistérios da vida e da morte, com a psique. Debruçada sobre as formas de produção de subjetividade inconscientes, ela precisará rever os artifícios da uniformização midiática e telemática, das modas, da publicidade. Guattari nos diz que sua maneira de operar, ainda que no campo da mente, aproxima-se mais a forma de operação do artista, da criação, do que a dos profissionais “psi”, que no seguimento de um ideal de cientificidade tornam reduzidos e repetitivos os processos e singularidades humanos.

**Ecologia ambiental:** A ecologia ambiental estaria mais ligada ao âmbito natural, relacionada com os desequilíbrios naturais assim como com as evoluções flexíveis a partir da intervenção humana. Ela será a ecologia que se debruça a pensar a mecosfera, considerando o constante desenvolvimento maquínico como peça chave para compreender as formas de habitar. Ao não separar a cultura e a natureza, afirma que para uma transformação ecológica é preciso aprender a pensar as interações entre ecossistemas, mecosfera e os universos de referência sociais e individuais.

Através dos três registros ecosófico, traçando uma filosofia eco-lógica, Guattari faz mover o pensamento em relação à ecologia de uma forma que não se detenha somente ao nível do ambiente natural, ou que leve em conta os outros componentes da sociedade que estão extremamente fundamentados na forma de habitar, portanto intimamente relacionados aos problemas da esfera do ambiente natural. De forma a defender a heterogeneidade e as re-singularizações individuais e coletivas, propõe a análise dos dispositivos de produção de subjetividade para que se recomponham experiências humanas em diferentes domínios de forma a alcançar uma ética-estética não reduzidas a subjetividade engendrada pelo capitalismo.

Perspectiva que não exclui totalmente a definição de objetivos unificadores tais como a luta contra a fome no mundo, o fim do desflorestamento ou da proliferação cega das indústrias nucleares. Só que não mais tratar-se-ia de palavras de ordem estereotipadas, reducionistas, expropriadoras de outras problemáticas mais singulares resultando na promoção de líderes carismáticos. Uma mesma perspectiva ético-política atravessa as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres legados por um urbanismo que se queria moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais etc. Tal problemática, no fim das contas, é a da produção de existência humana em novos contextos históricos. (GUATTARI, 2001, p.14/15).

### **3.2 Traçando linhas em comum com a Redução de Danos**

A Redução de Danos como política pública emerge do contexto da reforma psiquiátrica, iniciada após o término da ditadura militar, onde setores críticos da sociedade civil gradativamente foram conquistando espaço para expor suas demandas e transformar aspectos das políticas públicas.

Essa década foi marcada por um grande rearranjo das políticas públicas, permitindo que grupos minoritários se organizassem contra diversas formas de dominação instituídas antes mesmo da própria ditadura. É desta forma que temos a emergência de uma série de movimentos sociais que passaram a lutar contra as instituições antidemocráticas: movimento feminista, movimento negro, movimento gay etc. A dominação do homem sobre a mulher, do psiquiatra sobre o louco, do branco sobre o negro não se iniciaram nem terminaram com a ditadura militar, mas foram intensamente questionadas durante o período de abertura política. (BRASIL, 2005).

A década de 1980 é o momento em que muitas questões das chamadas minorias vêm à tona, minorias como uma forma genérica de falar, já que envolvem uma grande parte da sociedade que de alguma forma está subjugada pelo pensamento totalitário advindo do sistema capitalista, o que Guattari chama CMI – Capitalismo Mundial Integrado (2001, p.30):

Na mesma ordem de idéias, assistimos a um reforço das atitudes segregativas com relação aos imigrados, às mulheres, aos jovens e até às pessoas idosas. Tal ressurgimento do que poderíamos chamar de um conservantismo subjetivo não é unicamente imputável ao reforço da repressão social; diz respeito igualmente a uma espécie de crispação existencial que envolve o conjunto de atores sociais. O capitalismo pós-industrial que, de minha parte, prefiro qualificar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc.

Para Guattari o CMI atua em quatro principais regimes semióticos e torna-se cada vez mais difícil colocar algumas delas na frente de outras quanto a forma com que ele age sobre a máquina social, são elas as semióticas econômicas, as semióticas jurídicas, as semióticas técnico-científicas e as semióticas de subjetivação. Acrescenta que “O objeto do CMI é, hoje, num só bloco: produtivo-econômico-subjetivo. E... resulta ao mesmo tempo de causas materiais, formais, finais e eficientes”. (2001, p.32). Sendo assim, seria trabalho das ecologias sociais e mentais encarar a introjeção do poder repressivo por parte destas “minorias”, que em realidade são os oprimidos deste sistema vigente.

Como exemplo utiliza os sindicatos e partidos que mesmo discursando e trabalhando em prol de uma transformação social para os trabalhadores e setores oprimidos, em seu interior reproduzem o mesmo modelo de pensar hegemônico refletindo processos autoritários e que não se renovam, não percebendo o problema das semióticas de subjetivação (relativas aos equipamentos coletivos, arquiteturas,

cultura, conhecimento, sociabilidade) como constituintes de “vetores econômico-ecológicos” que situam-se no mesmo nível que a produção de bens materiais para a manutenção deste sistema.

Esperando que as tomadas de consciência classistas, ecológicas, feministas, antirracistas, entre outras, consigam observar e agir sobre modos de produção da subjetividade para criar novos agenciamentos que repensem a questão ecológica de forma social, mental e ambiental, será preciso que haja uma reconstrução das relações humanas em todos os níveis, trabalho da ecologia social, percebendo sempre que o poder capitalista está ampliado e deslocado, sem território específico mas com uma maior extensão de domínio sobre a esfera social, econômica e cultural do planeta bem como nos estratos subjetivos inconscientes da população que dizem respeito a uma ecologia mental.

Voltando a questão da história da Redução da Danos, ela surge também como forma de olhar de outro modo a situação de um estrato oprimido da sociedade, principalmente a partir das reminiscências do foi o período anterior à reforma psiquiátrica que ainda está enraizado na postura e no modo de encarar a diferença, reforçando assim posturas autoritárias e que criam os estigmas do doente, usuários de drogas, retirando a potência da subjetividade e a liberdade de pessoas em atenção na área da saúde.

O campo da saúde mental a partir da influência do pensamento de Foucault, que em seu livro História da Loucura (1989) identificou as formas do poder psiquiátrico e ajudou a formar uma perspectiva combativa em relação a ele, começou a se transformar no Brasil na abertura política, absorvendo o que havia sido um intenso período europeu de contestações nos anos em que aqui passávamos pela ditadura, como o radicalismo da Anti-psiquiatria Inglesa e da Reforma Psiquiátrica Italiana.

Do encontro entre o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental (MTSM) com o Movimento da Reforma Sanitária, que tinha como principal objetivo a criação de um sistema de saúde democrático, intensifica-se um movimento na defesa dos direitos das pessoas em sofrimento mental, dos até então considerados loucos e que pouco, ou nada, eram respeitados como cidadãos, o movimento da Reforma Psiquiátrica no país.



É sobretudo este Movimento, através de variados campos de luta, que passa a protagonizar e a construir a partir deste período a denúncia da violência dos manicômios, da mercantilização da loucura, da hegemonia de uma rede privada de assistência e a construir coletivamente uma crítica ao chamado saber psiquiátrico e ao modelo hospitalocêntrico na assistência às pessoas com transtornos mentais. (BRASIL, 2005).

A partir desse contexto é que mais tarde o método de Redução de Danos se constituirá. Entre as políticas públicas e a clínica, ele produz uma movimentação nos lugares de saber e cuidado. Iniciando fora do Brasil pelos próprios usuários de drogas, a RD desloca posições instituídas de quem cuida e quem é cuidado, materializando na figura do redutor de danos essa função, onde muitas vezes ele é o próprio usuário de drogas trabalhando nesse método e exercendo a função do cuidado. Num embate frequente com o Estado e com os estigmas sociais que ele cria, ela começa a se desenvolver como prática radical e democrática, partindo de uma visão não proibicionista para entender a figura do usuário e pensar o uso de uma forma em que o que entra em jogo é a promoção da saúde e os atravessamentos sociais que ocasionam vulnerabilidade e danos físicos e relacionais.

O método de Redução de Danos inicia-se no país a partir das experiências em Santos, em 1989, no encontro entre a saúde mental e as políticas que trabalhavam na epidemia de HIV/AIDS. Santos como cidade portuária, com alto índice de circulação de pessoas, tornou-se uma das cidades com maior nível de infectados pelo HIV na década de 80. Da mesma forma, era uma das principais portas de saída para drogas entre a América Latina e a Europa, passando a ocupar um ponto estratégico para a rota do tráfico de drogas. Entretanto, era neste local que as políticas antimanicomiais começavam a se fortalecer e novas estratégias em saúde eram criadas tanto na questão das drogas quanto para reverter a epidemia de HIV.

Durante o período de 1989 a 1996, Santos foi a primeira cidade brasileira sem manicômio; a primeira cidade a reverter epidemiologicamente o quadro de contágio pelo vírus da aids; a primeira cidade a criar programas de assistência domiciliar e a inventar uma metodologia de trabalho com meninas prostituídas e dependentes do crack etc., e também a primeira cidade a aplicar a metodologia de distribuição gratuita de seringas descartáveis. (SOUZA, 2007, p. 39 apud LANCETTI, 2006, p. 79).

Neste contexto é que surge o Programa de Troca de Seringas (PTS), no primeiro Seminário de Aids do município de Santos (1989), onde as ações de Redução de Danos foram publicamente denominadas. As ações de prevenção às DST/AIDS abriram o olhar da saúde mental para uma população até então à margem do acesso à saúde pública, os usuários de drogas injetáveis e usuários de crack. O PTS não pode ser implementado já logo após seu anúncio já que a Secretaria de Higiene e Saúde passou a sofrer ataques da mídia, da igreja e, principalmente, da justiça, assim como processos criminais, e a política de Redução de Danos precisou resistir para finalmente poder ser aceita e entrar dentro do quadro de estratégias na saúde.

As acusações eram de facilitação do uso de entorpecentes e gasto de dinheiro público com usuário de drogas. Essa última afirmação tenta classificar o usuário de drogas em um cidadão de segunda categoria que não merece a saúde como dever constitucional do Estado. (SOUZA, 2007, apud MESQUITA, 1991, p. 51)

Desde o início em confronto com as políticas proibicionistas e de guerra às drogas do Estado brasileiro, a RD vai se constituindo como política que supera a metodologia e o pensamento já enraizado por estas linhas de poder estatais, formando uma rede de resistência onde ela é um marco para se pensar novas formas de atenção na saúde e deslocar as ações institucionais para os territórios, colocando em cena corpos antes marginalizados e que a partir do olhar repressivo e excludente da justiça não mereciam cuidado e acesso à saúde da mesma forma que os outros cidadãos.

Enquanto as ações de saúde mental se voltavam para a criação de modelos substitutivos ao manicômio, as políticas de DST/AIDS indicavam a existência de um outro campo de atuação também merecedor da cobertura dos serviços de saúde mental: o território. A RD surgiu no limiar desses dois campos, na interface entre DST/AIDS e saúde mental e tornou-se um importante indicador para a universalidade do acesso, a integralidade do cuidado e a equidade das ofertas dos serviços de saúde.

O paradigma que a RD na área da saúde deve assumir o local de protagonismo dos chamados grupos minoritários que estão no meio do embate com a política totalitária, para não tornar apenas uma prática discursiva, “caso contrário,

as instituições de tratamento irão reproduzir os lugares de saber/poder que só conseguem incluir os usuários de drogas na condição de paciente ou doente.” (SOUZA, 2007). A RD oferece estratégias de cuidado respeitando a opção do uso de drogas, de modo a não categorizar o usuário como doente.

Iniciando no método da troca de seringas a fim de amenizar a epidemia de HIV/AIDS com ações de prevenção e cuidado, ao chegar como um trabalho territorial a RD consegue acessar entre diversas outras ações o cuidado aos corpos que antes não acessavam o sistema de saúde. Ela vem como uma proposta ética “na medida em que mobiliza as coletividades para um cuidado de si a partir de práticas de gestão comum.” (SOUZA, 2007, p.109).

A RD inclui, num campo polarizado entre o “não as drogas!” e o “sim as drogas!”, um “como as drogas?”. Entre o imperativo proibicionista e o imperativo consumista a RD trouxe à tona diferentes experiências com as drogas e com isso diferentes possibilidades de cuidado que não se reduzem a abstinência. Mais do que se distinguir das propostas e métodos de “guerra às drogas” e dos métodos do comércio de drogas (lícitas ou ilícitas), a RD revelou que estes dois pólos, antes de formarem uma oposição, formam uma aliança que abre as portas para a própria lógica neoliberal que, na contemporaneidade, mantém forte relação com as guerras locais interligadas num sistema global. [...] frente à violência da política de “guerra às drogas” a RD buscou inverter o medo em prudência, e territórios de violência em territórios cooperativos de ampliação de vida. (SOUZA, 2007, p.109)

A perspectiva de assumir uma ampliação da reflexão acerca das questões culturais, políticas, econômicas e emocionais que constituem a multiplicidade de aspectos envolvidos na relação com o uso de substâncias e trabalhar a partir de uma perspectiva ética com o usuário, e que respeite sua liberdade, muitas vezes vai de encontro ao que a subjetividade capitalista, a partir das esferas midiáticas, judiciais e repressoras, colocam enquanto verdade universal.

Atravesso aqui a ecologia social e a ecologia mental de Guattari, que avisam que essa “subjetividade capitalística” estará pronta a minar a existência de qualquer intrusão de acontecimentos que atrapalhe sua opinião, tendo aparelhos especializados para examinar qualquer singularidade. Para ele, o CMI constitui sua subjetividade a partir de noções de raça, nação, corpo profissional, competição, virilidade dominadora, mídia, etc, gerando os mundos do amor e da arte bem como os da angústia e da loucura, e anestesiando-se a si mesma, essa subjetividade

assegura seu poder controlando e neutralizando o máximo de experiências possíveis (GUATTARI, 2001).

Defendendo que os diversos níveis de práticas de luta estejam em processos de heterogênesse e não homogeneizados, fazendo com que a singularidade, o que é exceção, possa funcionar dentro de “uma ordem estatal o menos pesada possível”, a ecosofia vem a trabalhar por novas práticas ecológicas que abarcam novas solidariedades, novas práticas analíticas das formações do inconsciente, novas práticas políticas no nível micro e experiências isoladas, fora das normas, colocando-as como potencial de subjetivação em prol da humanidade, de modo a confrontar o reequilíbrio constante das semióticas capitalistas (GUATTARI, 2001).

Dessa forma acredito que a Redução de Danos está em conformidade com as novas práticas ecológicas propostas por Guattari, principalmente com sua ecologia social e mental, já que ela se faz em um método em constante revisão, propondo alterar a lógica das relações institucionalizadas, a fim de fugir do saber totalizante que mina as subjetividades, propondo outros tipos de relações do ser em grupo, bem como outras formas de enxergar os processos mentais, e noções de cuidado e respeito.

Dentro do âmbito da RD bem como da ecosofia de Guattari temos os processos educacionais no seio da construção de novas relações sociais, tanto para a transformação destas quanto para autotransformarem-se em prol de uma educação baseada em relações dentro de uma ética-estética singular e não controlada pelas semióticas capitalistas. Dessa forma a oficina aparece como um caminho de potência dentro da redução de danos, ao acontecer de uma forma em que o conhecimento não toma os ares de transferência, mas onde se montam espaços educacionais compartilhados e autônomos, onde é preciso não hierarquizar o saber e fugir à lógica proibicionista e criminalizante do Estado.

Douglas Casarotto Oliveira em sua dissertação “Uma Genealogia do Jovem Usuário de Crack: mídia, justiça, saúde, educação”, onde ao problematizar as noções que estigmatizam o jovem que usa crack, questiona-se sobre outras práticas desvinculadas do saber hegemônico, que traça essa definição de jovem usuário de crack, e expõe práticas pedagógicas e políticas que poderiam estar fora desse jogo, trazendo a educação como um aspecto de potencialização, capaz de fazer pensar sobre si e sobre o uso, a partir de uma perspectiva não proibicionista. Nos diz:

Foram as experiências em relação aos usuários de drogas, que partem do reconhecimento dos seus saberes e dos processos educacionais inerentes aos seus modos de vida, que práticas ligadas à noção de redução de danos demonstraram a potência à educação atuar em relação ao tema. Potência que está numa não hierarquização entre saberes, num olhar não moralizante sobre a situação do uso de drogas e na implicação das pessoas a partir de suas vidas e seus interesses. (OLIVEIRA, 2009, p.144).

### 3.3 E a questão ambiental?

Para Guattari há “toda uma catálise de retomada de confiança da humanidade em si mesma para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos.” Dessa forma, pensar a problemática ambiental não fica associada somente as questões tecno-científicas, mas a partir de uma ressingularização da subjetividade humana. Dessa forma, pensar a educação ambiental também se constitui em uma tarefa de ressignificação das próprias práticas e formas de compartilhamento de saberes. A partir daí, trabalhar a Educação Ambiental também se torna uma tarefa a fim de novas singularizações, novas experiências, que repensem o habitar à Terra tanto em relação ao meio natural quanto a partir de que tipo de relações e éticas sociais traçamos.

Ana Godoy traz uma perspectiva de uma menor ecologia para o debate, indo contra à maré da ecologia vinculada ao modo de habitar capitalista, o que seria uma ecologia grande, de saber totalizante, e que expõe a degradação ambiental ao mesmo tempo em que seus aparelhos subjetivos e objetivos continuam a estimular este problema. Discorre (2009, p.18):

Toda uma outra política, uma outra ecologia, a menor das ecologias. Aquela capaz de desmanchar os saberes e práticas (Gil, 2001, p. 145), bem como rostos e paisagens que nos aprisionam, que nos incitam a perceber o corpo somente pelo viés das técnicas e tecnologias que o estabilizam e conformam, e não pelo viés de sua potência para resistir, para inventar os órgãos de que necessita a fim de edificar o corpo e a Terra que lhe convém.

Aqui ela defende o pensar novos modos de habitar e também habitar de outro modo o pensamento, a partir de existências que se desdobram por meio de uma ética e uma estética e que, como condição da experiência real, afirmam a vida em sua heterogeneidade. Vale produzir novas diferenciações, deixar que o ser humano

seja um grande experimentador, a partir de uma liberação do sensível em relação à lei da semiótica capitalista que atrai os corpos à uma neutralidade de experiência e ao desejo de bens consumíveis. Fala sobre uma outra política em que "implicações éticas, estéticas e filosóficas ultrapassam a difusão do consumo e de práticas corretas, como aponta Passeti (2007)" e então fogem do aprisionamento que está dado nesse tempo contemporâneo e homogeneizado no qual vivemos. (GODOY, 2009).

Esta visão de ecologia de alguma forma liga-se ao pensamento mais estruturalista do libertário Murray Bookchin. Dentro do contexto das construções e lutas anarquistas do século XX, o escritor estado-unidense desenvolveu um outro conceito de ecologia social, que como explana André Lemes da Silva, em sua dissertação de mestrado "Da Ecologia Social à Educação Ambiental: As Contribuições do Pensamento Libertário de Murray Bookchin":

"A ecologia social é então concebida como sendo um espaço no qual se apresentam os problemas ecológicos profundamente mergulhados no seio dos problemas sociais. Ela possibilita a ampliação das compreensões dos contextos sociais e ecológicos que vivemos na atualidade." (SILVA, p.117, 2007).

A ecologia social vincula o contexto social com o contexto ecológico, e busca a transformação da sociedade e das relações entre indivíduos para a transformação indivíduo e natureza. Bookchin já alertava em seus escritos nas décadas de 60 e 70 sobre vários possíveis desequilíbrios ambientais como o efeito estufa e defendia as tecnologias renováveis para a criação de sociedade ecológica. Ao mesmo tempo, propunha voltar a atenção para os problemas das relações sociais onde refletia-se o tipo interação de dominação tanto entre indivíduos, quanto entre indivíduos e natureza.

Pode-se discutir, com bases teóricas ressonantes, que o crescimento da cobertura de dióxido de carbono interceptando o calor emanado da superfície atmosférica, a uma circulação de ar mais violenta, a tempestades mais destrutivas e a, eventualmente, um derretimento das calotas polares [...] (SILVA, 2007, p.96 apud BOOKCHIN, 1971).

Silva traz o conceito de ecologia social de Murray Bookchin para olharmos para o conjunto de vertentes da Educação Ambiental e utilizá-lo em uma educação ambiental crítica, tendo nas contribuições deste pensamento uma base

principalmente por este superar a dicotomia sociedade/natureza e supor a origem da problemática ambiental em raízes profundas no seio das relações sociais fundamentadas em relações hierárquicas e de dominação.

Para a ecologia social, essa noção de que o ser humano deve dominar a natureza vem diretamente da dominação do homem pelo homem. E essa tendência humana encontra seu mais exacerbado desenvolvimento no capitalismo moderno. Assim como os homens, todos os aspectos da natureza são convertidos em bens, um recurso para ser manufaturado e negociado desenfreadamente. Isso significa uma simplificação total de nosso ambiente. Nesse sentido, a ecologia social não concede espaço algum para a explicação hierárquica tanto da natureza, quanto da sociedade, desafiando o seu princípio de estabilidade e ordem em ambos os domínios. [...] Nesse sentido, podemos compreender que natureza e sociedade não se encontram dissociadas. Ao contrário, a natureza é uma pré-condição para o desenvolvimento da sociedade, assim como a sociedade é parte fundamental do mundo natural. (SILVA, p.122, 2007).

Traçando um paralelo entre essas visões de ecologia propõe-se repensar a educação ambiental, de uma forma que esta experimente outros métodos e volte o olhar ao tipo de relação social que se estabelece nos espaços íntimos, institucionais e na sua própria prática. Colocando em questão a maneira de habitar daqui em diante, mas com a proposição de pensar novos lugares e finalidades que não atendam somente a subjetividade que deriva das demandas de forças dominantes.

Tanto quanto algas mutantes e monstruosas invadem as águas de Veneza, as telas de televisão estão saturadas de uma população de imagens e de enunciados "degenerados". Uma outra espécie de alga, desta vez relativa à ecologia social, consiste nessa liberdade de proliferação que é consentida a homens como Donald Trump que se apodera de bairros inteiros de Nova York, de Atlantic City etc, para "renová-los", aumentar os aluguéis e, ao mesmo tempo, rechaçar dezenas de milhares de famílias pobres, cuja maior parte é condenada a se tornar homeless, o equivalente dos peixes mortos da ecologia ambiental. Seria preciso também falar da desterritorialização selvagem do Terceiro Mundo, que afeta concomitantemente a textura cultural das populações, o hábitat, as defesas imunológicas, o clima etc. Outro desastre da ecologia social: o trabalho das crianças, que se tornou mais importante do que o foi no século XIX! Como retomar o controle de tal situação que nos faz constantemente resvalar em catástrofes de autodestruição? (GUATTARI, 2001, p.25)

Guattari traz este exemplo em seu texto *As Três Ecologias*, ao citar um programa de TV onde se fazia um teste com algas que não sobreviviam em águas limpas mas continuavam vivas e se reproduzindo em águas poluídas da cidade de

Veneza. Assim como as algas, alguns detentores de poder e políticas instituídas vão alastrando-se em meio a cenários caóticos em que se perdem vidas e a biodiversidade de relações e culturas. É exemplo o cenário na Amazônia, em que a degradação do ambiente natural causa vários efeitos que se podem sentir em muitos lugares, além é claro destes efeitos climáticos e ambientais, vê-se a redução da vida dos povos indígenas, o desrespeito à culturas que foram marginalizadas pelo poder do Estado e da máquina econômica, e seu extermínio acelerado e muitíssimo violento.



## 4. METODOLOGIA

### 4.1 O almoço

A metodologia do projeto horta foi sendo pensada de acordo com a experiência com os outros componentes do projeto, os usuários do CAPS AD e a equipe de profissionais. Apesar de a ideia já ter sido trabalhada e discutida nas reuniões do grupo Ítaca, e ter alguns princípios bem definidos como o direcionamento da redução de danos, a vontade de propor uma atividade que desse movimento aos corpos e também ao pátio do CAPS, o desejo de criar um espaço de laboratório, buscando a estrutura menos hierárquica possível e que valorizasse os saberes de todos os integrantes, além do trabalho de noções da educação ambiental e também da agroecologia, ainda não estava definido em qual momento a oficina aconteceria e nem com que grupo de pessoas.

Alguns dias de teste se passaram, o primeiro passo foi visitar os grupos de trabalho no CAPS para conhecer os usuários e poder convidar quem tivesse interesse, era preciso criar vínculo para que pudéssemos estabelecer uma relação mais sincera e nos interessarmos mutuamente por vivenciar a oficina. Apesar das reuniões do Ítaca acontecerem nas dependências do CAPS, seu dia e horário, sextas-feiras às 16h, já era quase o fim do expediente da semana por isso nosso contato com o espaço até então era maior do que com as pessoas. Sempre fomos convidados a participar das oficinas que já aconteciam, mas eu tinha visitado poucas até então.

Acreditei que iria me interessar bastante pelo grupo de mulheres, o qual havia visitado uma vez, e que a proposta seria feita para elas. O grupo de mulheres já estava recebendo uma oficina do Ítaca, a oficina de pano de prato e stencil, e nossos horários também não eram muito compatíveis. A proposta da horta desde então já era de que todos os grupos pudessem utilizar dela mas era preciso formar um grupo de construção.

Fui convidada a participar de um grupo de escuta que acontecia às 11h da manhã uma vez por semana, era um grupo composto por muitos usuários, majoritariamente homens, de jovens à idosos. A escuta durava sempre uma hora, todos falavam nesse tempo e eram ouvidos por todos. Ao finalizar o grupo ao meio dia, um almoço servia de momento de integração. Nem todos ficavam, mas um certo

grupo reduzido e variável sempre almoçava junto. Comecei a frequentar este grupo e o almoço e a horta começou a aparecer nas conversas pós refeição, enquanto conversávamos sobre o que gostávamos de comer, de fazer, sobre alimentos saudáveis. Os primeiros canteiros surgiram em poucas semanas, logo após a composteira que recebia os restos de comida desse mesmo almoço.

A horta se estabeleceu neste horário, o grupo variável era dos que almoçavam sempre e dos que almoçavam de vez em quando, o horário do cafézinho pós refeição e do descanso depois de comer dava espaço logo após alguns minutos à construção do nosso projeto.

## 4.2 Composteira

A primeira proposição do projeto foi a construção da composteira. A ideia é que ela pudesse contribuir com a reflexão sobre o lixo no local. Não havia no CAPS separação do lixo seco para o orgânico e os resíduos do almoço eram uma quantidade razoável. Apesar de não receber todo o lixo orgânico gerado no ambiente, ela serviu como alternativa para nossos resíduos gerados no almoço, para repensarmos esta questão e assim como para pensarmos uma noção agroecológica de ciclicidade dos elementos. Como explica Enrique Leff (2002, p.42),

“A Agroecologia surge como um conjunto de conhecimentos, técnicas e saberes que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura. Esta hibridação de conhecimentos e diálogo de saberes orienta uma grande transformação da natureza, para regenerar seus potenciais ecológicos a partir da fotossíntese, o que implica a necessidade de uma tecnologia para o manejo eficiente dos ciclos da matéria, dos nutrientes e da energia [...]”.

As duas composteiras foram feitas em formato retangular, diretamente no chão, em um buraco de aproximadamente 30 cm, e tampadas com madeiras de palete para que os rejeitos não ficassem expostos e ao mesmo tempo houvesse circulação de ar pelas frestas das madeiras. A segunda composteira foi instalada alguns meses após a primeira, quando esta já não tinha mais capacidade de receber rejeitos. Além dos rejeitos do almoço do grupo e cascas de frutas, a equipe de profissionais também foi comunicada sobre a existência da ferramenta, e a profissional da limpeza costumava utilizá-la às vezes. Cada composteira quando

cheia ficava em repouso por alguns meses até que todo composto ficasse completamente decomposto e pudesse ser utilizado, servindo de adubo para alguns canteiros. A manutenção da composteira era feita nos dias da horta, quando era revolvida e recebia adição de folhas secas, material bastante presente no pátio do CAPS por causa das árvores do pátio vizinho, para ajudar na decomposição.

### **4.3 Canteiros**

A abertura dos canteiros foi o primeiro passo da horta. Foram abertos os dois primeiros canteiros perto do muro onde havia muito sol e um pouco de sombra de uma árvore do pátio vizinho, ali começou o plantio das ervas medicinais. Após eles, mais centralizados no pátio e pegando mais sol, cerca de outros 8 canteiros foram sendo abertos com o tempo para abrigar as hortaliças.

O pátio do CAPS estava composto principalmente de grama, terra e muitos pedregulhos e restos de obra. A terra, portanto, depois da capina para a construção dos canteiros ficava bastante seca, com muitas pedras e pouca matéria orgânica. Somente o adubo da composteira não era suficiente para toda extensão de canteiros. Por isso sempre foi uma demanda do projeto conseguir alguns sacos de terra ou adubo para ajudar na fertilização dos canteiros. Apenas um ano depois do início da horta, no meio do ano de 2018, recebemos alguns sacos de terra do sítio de uma das componentes da equipe, uma estudante da Terapia Ocupacional, que com recursos próprios conseguiu um carro para transportar a terra até o CAPS.

Apesar disso, o solo pedregoso nunca foi um impedimento, os canteiros funcionavam muito bem e quase todos os tipos de plantas que plantamos cresceram muito saudáveis desde o início da horta. As pedras foram um desafio e ao mesmo tempo um símbolo de que mesmo em solos que não parecem tão propícios podemos fazer um trabalho para sua recuperação e florescimento. Além disso o esforço com as capinas e o manejo das pedras foram muito válidos, atualmente depois de um grande esforço de limpeza os canteiros do CAPS estão com a terra muito mais adubada e bonita, as pedras foram retiradas aos poucos, sendo usadas nos cantos e como contorno dos canteiros, deixando o ambiente mais harmônico.

Figura 1. Integrante da equipe mexendo na terra, dos lados as composteiras.



Figura 2. Plantio de mudas em canteiro.





#### 4.4 Mudanças

Os encontros do grupo ficaram fixados na terça-feira, entre 12h e 14h. O projeto sendo uma proposta autônoma e sem vinculação oficial com o serviço do CAPS AD não disponha de recursos financeiros para a construção da horta, as oficinas aconteciam reaproveitando materiais que já estavam no CAPS e a partir da doação de mudas por parte dos integrantes do grupo da horta e outras pessoas da equipe e de outros projetos que passaram pelo CAPS e também utilizaram o espaço para trabalho, como grupos de saúde com profissionais das áreas de farmácia e nutrição. Em cada encontro plantávamos o que alguém havia trazido para compartilhar, algumas vezes mudas de hortaliças compradas em agropecuária, e muitas mudas de ervas aromáticas, ervas medicinais, folhagens e frutíferas vindas das hortas das casas dos integrantes.

Figura 3. Mudanças de hortaliças.



#### 4.5 Saberes Compartilhados

Um dos processos mais importantes da oficina de horta foi a troca de saberes entre os participantes. Essa prática se deu ao longo do tempo, em cada encontro, respeitando a individualidade de cada um e os aspectos que traziam para compartilhar. A troca de histórias de vida, do andamento da semana, de como estávamos nos sentindo acontecia já desde a hora do almoço, que juntamente com a horta traziam assuntos a serem debatidos acerca da saúde, da natureza, dos benefícios medicinais das ervas e usos na culinária. A presença de alguns integrantes que trabalharam muitos anos com agricultura também foi essencial para a realização do projeto. O integrante mais imerso no projeto, Eduardo, morador da zona rural, sempre preencheu a horta com muitas mudas de plantas do local onde mora e cuida, e muitas histórias e saberes sobre a vida, a terra, a lida no campo, o cultivo, a identificação e o uso de plantas, o cuidado com a organização das ferramentas coletivas e a amizade. Em cada encontro ele compartilhava um pouco do que cultivava em casa, como as bergamotas e os maracujás para sobremesa, e ao mesmo tempo sua experiência de vida, principalmente em relação a uma das coisas que mais gosta de fazer: plantar. Assim como ele, várias pessoas de diferentes faixas etárias e contextos compartilharam suas experiências para a construção da horta, que foi se formando coletivamente e no improviso da composição dos saberes e das propostas individuais.

Figura 4. Eduardo, integrante da equipe da horta.





#### 4.6 Plantas Medicinais

Os primeiros cultivos dos canteiros foram as ervas medicinais. Os primeiros canteiros receberam diversos tipos de plantas dessa especificidade, como manjericões, alecrim, poejo, funcho, hortelãs, losna, orégano, entre outras. A partir da Redução de Danos podemos pensar em nosso autocuidado na saúde e na autonomia que podemos buscar para potencializarmos nosso bem-estar, por isso a ideia é que as plantas fossem também um dispositivo para essa ideia. A partir delas foi possível trocar muitos saberes populares e antigos, além de trocar informações sobre seus usos para prevenir doenças ou amenizar sintomas - incluindo sintomas decorrentes de questões emocionais - como receitas de chás calmantes, revitalizantes, e até mesmo ervas que podem ter toxicidade alta e não devem ser utilizadas.

As ervas medicinais foram uma alternativa para nos aproximarmos da educação ambiental, praticando o olhar à natureza e o poder que ela tem de auxiliá-nos quando está próxima e preservada. As aromáticas e os temperos também nos ajudaram a acrescentar mais gosto em nosso almoço, a partir de conserva de ervas produzida coletivamente. Muitos pequenos galhos foram levados para casa por usuários e equipe do CAPS para serem multiplicados e virarem novas mudas dessas plantas; além disso, alguns chás coletivos ainda são preparados com elas.

Figura 5. Equipe da horta e canteiro de medicinais à frente do muro.



#### 4.7 Integração com equipe e outros grupos

Um dos objetivos da oficina de horta era o de abrir um território dentro do CAPS propício a ser um laboratório coletivo e aberto à experimentação. Portanto, o sentido de oficina estava atrelado a ideia de espaço de produção, e este deveria ser de acesso a todos que utilizam aquele ambiente. Desta forma, foi muito importante a adesão de outros grupos ao espaço da horta, que também contribuíram com cultivos e utilizaram o espaço para atividades. Ao longo do projeto algumas das pessoas da equipe de profissionais se aproximaram do projeto, como duas estudantes da Terapia Ocupacional que durante alguns meses de estágio no CAPS auxiliaram na realização da horta e participaram de nossos encontros.

Figura 6. Estudantes da Terapia Ocupacional que entraram no projeto Horta.





## 4.8 Equipe

O projeto horta se fez e se mantém há dois anos através de sua equipe. Desde o início o objetivo do projeto era que ele existisse enquanto fosse uma demanda para os que frequentam o CAPS. Em minha vida ele era uma demanda e sua existência nutriu essa necessidade, da mesma forma só teria sentido de existir caso usuários e equipe do CAPS também tivessem tal interesse. Dessa forma eu e o Thiago, psicólogo do CAPS, ao propormos a oficina encontramos a parceria e o afeto de alguns usuários e alguns membros da equipe de profissionais que quiseram compartilhar o processo. Eles fazem parte da equipe da horta que a cada dia se reinventa a partir de novas e antigas presenças que habitam o espaço e se dispõem a estar juntas.

Figura 7. A Equipe da Horta.



## 4.9 Hortaliças

As hortaliças vieram um pouco depois das ervas medicinais e logo ganharam muito espaço na horta. Cultivou-se muitas mudas de couve, alfaces, rúcula, alho, salsinha e cebolinha. Essas plantas muitas vezes eram colhidas e divididas entre a equipe da horta, equipe de profissionais e outros usuários que visitavam o grupo.

Figura 8. Hortaliças e pequenas mudas sendo plantadas.



## 4.10 Matérias-primas

Além de nossa atividade semanal na horta e a intenção de trabalharmos a proximidade com a natureza e com o coletivo, movimentando tanto nossos corpos quanto o corpo CAPS que nos abrigava, outro objetivo concreto desse projeto era a possibilidade que o espaço nos gerasse matéria-prima para fortalecer nossa autonomia e até poder vir a ser fonte de geração de renda. Um exemplo disso foi a produção da conserva artesanal de ervas, produzida com temperos de nossa horta.

Figura 9. Hortaliças e Temperos.



#### 4.11 Oficinas de feitió

Houveram muitas ideias de produtos que poderíamos produzir a partir da Horta, como cosméticos artesanais, comidas, pomadas medicinais, etc. Uma das propostas foi executada, pois além de ela poder ser uma forma de geração de renda para o grupo poder investir mais na horta, ela também foi uma forma de presentear os integrantes e ser utilizada em conjunto nos nossos almoços. A ideia foi fazer uma conserva de alho com ervas finas, para que pudéssemos utilizar nossa produção de tempero. Apesar do alho precisar ser comprado no supermercado por ainda não termos, já seria um teste pois estávamos com alhos em fase de crescimento na horta que poderiam ser usados em conservas posteriores.

Para comprarmos os ingredientes utilizamos uma pequena verba de em torno de 50 reais disponibilizada pela equipe do CAPS. Mais tarde, na segunda vez que fomos produzir foi preciso usar recursos de profissionais que estavam na equipe da horta, entretanto conseguimos economizar a partir da doação de muitos potes de vidro por parte de uma integrante da equipe do CAPS.

Tanto da primeira vez quanto da segunda vez que produzimos as conservas, entre doações e recursos de quem teve condição de apoiar, conseguimos comprar os ingredientes faltantes, comum orçamento sempre em torno de 40 a 50 reais. Foram potes de vidro, azeite de oliva, vinagre de maçã e alhos. As ervas tínhamos produção própria. A conserva foi feita pela mesma equipe da horta, no mesmo dia e horário de nossos encontros. A receita consistiu em colocar os dentes de alho divididos em cada potinhos juntamente com as ervas já desidratadas e cobrir com uma parte de azeite e outra de óleo.

Figura 10. Oficina de produção de conserva artesanal.





#### 4.12 Produção de conservas com ervas

Nossa primeira produção de conservas artesanais gerou 6 potes de conservas de alho com ervas finas. Essa primeira produção não foi utilizada para geração de renda, mas foi um primeiro teste bem-sucedido. Elas, juntamente com as fotos presentes nessa monografia, foram utilizadas para nossa exposição “O Que Circula na a(Horta)” no Seminário Regional “Outras Palavras sobre Álcool e Outras Drogas: Primavera da Redução de Danos”, evento realizado pelo Conselho Regional de Psicologia e a Prefeitura de Santa Maria em setembro de 2018, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que reuniu usuários, estudantes, profissionais da área da Saúde e integrantes da Rede de Redução de Danos da cidade e da região. Neste evento tivemos uma grande confraternização entre a equipe, alguns integrantes da horta, e alguns profissionais e outros usuários do CAPS AD participaram, conseguimos expor nosso trabalho e conversar sobre ele, trocando experiências com usuários de outros serviços e profissionais da saúde. A Redução de Danos tem como objetivo reduzir também os danos sociais ao usuário de álcool e outras drogas, por isso o protagonismo do usuário na rede de atenção é tão importante, para que os laços sociais possam se restaurar e desestigmatizar estereótipos preconceituosos.

Algumas das conservas após à exposição foram doadas à integrantes e apoiadores da horta. A maior ficou para o grupo, a ser utilizada em nossos almoços coletivos no CAPS AD.

Figura 11. Conservas artesanais de alho com ervas finas.



#### 4.13 O afeto

Esta parte da metodologia poderia estar no início do capítulo, pois de fato foi o princípio de movimento deste trabalho. Escrevo de uma perspectiva mais particular, entretanto, seguindo preceitos da ecologia social de Guattari, apresento esta parte da história como um agente de subjetividade individual que também pode nutrir as relações coletivas. O projeto Ítaca trouxe em minha vida mais do que a possibilidade de proposição de um trabalho, mas sim uma rede de atenção e amizade. A Rede de Redução de Danos em que nos inserimos diz não só sobre ações no campo da saúde pública institucional, porém muito sobre uma teia sensível composta de diversas pessoas e suas sensibilidades.

Uma dessas pessoas foi o responsável pela composição da oficina de Horta, sua proposição e manutenção. Apesar de ser uma oficina elaborada em minha trajetória no projeto Ítaca, sua existência só foi possível através do acolhimento e parceria de criação e experimentação do Thiago. Psicólogo no CAPS, mediador do grupo de escuta que enraizou o projeto Horta, o Thiago abriu seu coração para a ideia e a executou junto comigo.

Muito eu descobri em minhas relações no CAPS AD, uma das coisas mais importantes foi descobrir outras formas de amar. A partir da admiração e da vontade compartilhada de criar outros territórios possíveis, apreendi o amor. O respeito e o afeto formaram a suavidade capaz de dar movimento, de revitalizar as noções de apoio mútuo e liberdade, de pensar territórios de cuidado e de potência de vida, de reduzir os danos.

Nessa mesma perspectiva, dever-se-á considerar os sintomas e incidentes fora das normas como índices de um trabalho potencial de subjetivação. Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microsociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente. Parece-me que essa é a única via possível para que as práticas sociais e políticas saiam dessa situação, quero dizer, para que elas trabalhem para a humanidade e não mais para um simples reequilíbrio permanente do Universo das semióticas capitalísticas. (GUATTARI, 2001, p.34-35).

Figura 12. A parceria.



## 5. CONCLUSÃO

Dentro da oficina de horta no CAPS AD a problemática do ambiente natural apareceu diversas vezes dentro de nossos encontros, principalmente pela proximidade dos corpos com um momento de interação com elementos naturais como a terra, plantas, água, em um sistema de composição e transformação, como o lixo orgânico, resultado das sobras do almoço, que lentamente transformava-se em adubo na composteira; o destino dos rejeitos e o próprio desperdício de alimentos eram pontos recorrentes nas conversas.

A proximidade com as plantas medicinais e com hortaliças cuidadas por nós faziam refletir sobre nossa saúde e alimentação a partir de um cuidado com diversos elementos da natureza, o que geraram trocas e possibilidades a respeito de uma atenção ao ambiente, um olhar mais preparado à identificação botânica e práticas de autonomia em relação à nossa saúde. Entretanto, essas conversas aconteciam a partir da espontaneidade e do ambiente em que nos inserimos, não em formato de aulas ou com um roteiro já pensado, e sim derivando da experiência de vida de quem participava. Alguns elementos como a composteira e as plantas medicinais, bem como a proposta de utilização das ervas para feitiços que pudessem ser utilizados em nossa convivência, como as conservas, foram pontos disparadores para possibilitar diálogos a partir da relação indivíduo-natureza e pensar elementos para um habitar diferente, como a própria autonomia e o resgate de saberes não industrializados.

Intencionou-se a partir da lógica da Redução de Danos e de um olhar ecológico que abarcasse as questões sociais e que se propusesse à novas práticas de respeito à heterogeneidade de corpos e relações, criar uma oficina, um possível caminho para práticas de educação não autoritárias, de horta, em que se pudesse estar trocando saberes coletivamente, em um espaço de experimentação no ambiente do CAPS AD.

Como resultado deste projeto tivemos a adesão e permanência deste processo, o qual continua acontecendo naquele espaço como um momento de encontro semanal, de troca de afetos, em que o grupo participante experimenta uma relação de algumas horas e a partir dela pode potencializar saberes, projetos e uma noção de cuidado entre corpos e entre corpo e natureza.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15\\_anos\\_Caracas.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf)>. Acesso em: 01 de agosto de 2019.
- CORRÊA, G.C. **Ecologia e Educação na Sociedade de Controle**. Em Ana Maria Hoepers Preve et al. (org.). *Ecologias inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, p.228-241, 2012.
- CORRÊA, G.C. **Drogas para além do bem e do mal**. Em Loiva Maria de Boni Santos (org.). *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. Porto Alegre, Ideograf, p. 167-176, 2010.
- CORRÊA, G.C. **Oficina: apontando territórios possíveis em educação**. Dissertação (Mestrado). UFSC, Florianópolis, 1998.
- GODOY, A. **Educação ambiental e filosofia prática: Uma ou duas linhas e por trás uma imensa paisagem**. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambiental*, v. esp., jan/jun 2015.
- GODOY, A. **Educação, meio-ambiente e subjetividade na sociedade de controle: por uma ética dos afectos**. *Revista Interacções*. v. 5, n. 11, p. 8-28, 2009.
- GODOY, A. **Um modo de habitar [sobre restos]**. Em Ana Maria Hoepers Preve et al. (org.). *Ecologias inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, p.213-227, 2012.
- GUATARRI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas: Papyrus, 1ª Edição Eletrônica, 11 ed., 2001.
- LEFF, E. **Agroecologia e saber ambiental**. *Revista agroecol. e desenv. rur. sustent.* Porto Alegre, v.3, n.1, p. 36-51, jan./mar. 2002.
- OLIVEIRA, Douglas Casarotto de. **Uma genealogia do jovem usuário de crack: Mídia, justiça, saúde, educação**. Dissertação (Mestrado). UFSM, Santa Maria, 2009.
- PERES. Rodrigo Sanches et al. **A esquizoanálise e a produção de subjetividade: Considerações práticas e teóricas**. *Psicologia em estudo [online]*. vol.5, n.1, p.35-43, 2000.



PORAZZI, Alexandra Raquel. **Projeto Ítaca: Estratégias educacionais para a abordagem da questão das drogas.** Dissertação (Mestrado). UFSM, Santa Maria, 2014.

PORCIUNCULA. Anacirema da Silva et al. **As três ecologias de Félix Guattari e o tempo de envelhecer.** Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambiental, v.32, n.1, 2015.

RODRIGUES, T. **Política de Drogas e a Lógica dos Danos.** Verve, São Paulo, v.3, p.257-277, 2003.

SILVA, André Lemes da. **Da ecologia social à educação ambiental: As Contribuições do Pensamento Libertário de Murray Bookchin.** Dissertação (Mestrado). FURG, Rio Grande, 2007.

SOUZA, T. de P. **Redução de Danos no Brasil: A clínica e a política em movimento.** Dissertação (Mestrado). UFF, Niterói, 2007.

## ANEXOS

## ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Ana Amélia de Mello Savero.....  
Brasileira, 22 anos solteira RG: 2126256941,  
 CPF: 032.415.440-28, estou sendo convidado a participar de um trabalho de monografia denominado **Pontos de conexão entre ecologias e redução de danos: Uma experiência no CAPS AD Cia do Recomeço de Santa Maria - RS**, de autoria de **Laura Augusta Kleinpaul**, cujos objetivos e justificativas são realizar uma pesquisa de educação ambiental a partir do projeto de horta em que participei no CAPS AD Cia do Recomeço, como requisito parcial para que a autora conclua o Curso de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

A minha participação no referido estudo será no sentido de autorizar a utilização de minha imagem a partir de fotografias elaboradas durante a oficina de horta no CAPS AD Cia do Recomeço, tais fotografias são utilizadas ao longo do trabalho para ilustrar o relato da experiência da autora no projeto e também expor os momentos de trabalho da equipe que o compôs. Autorizo também que meu nome seja citado ao longo do trabalho, tendo assim exposta minha identidade, como membro da equipe do projeto de horta do CAPS AD Cia do Recomeço, assim como sejam citados fatos e impressões sobre minha participação.

Recebi os esclarecimentos necessários sobre os temas envolvidos no trabalho e os momentos em que sou citado, bem como o conteúdo de tal citação.

Compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Santa Maria, 31 de outubro..... de 2019.

Nome: Ana Amélia de Mello Savero.....

Assinatura: Ana Amélia de Mello.....

Nome da responsável do projeto: Laura A. Kleinpaul.....

Ass: Laura A. Kleinpaul.....

## ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Osther Cavalho Grande  
brasileiro, 20 anos, solteiro, RG: 3118918816,  
 CPF: 035.349.87029, estou sendo convidado a participar de um trabalho

de monografia denominado **Pontos de conexão entre ecologias e redução de danos: Uma experiência no CAPS AD Cia do Recomeço de Santa Maria - RS**, de autoria de **Laura Augusta Kleinpaul**, cujos objetivos e justificativas são realizar uma pesquisa de educação ambiental a partir do projeto de horta em que participei no CAPS AD Cia do Recomeço, como requisito parcial para que a autora conclua o Curso de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

A minha participação no referido estudo será no sentido de autorizar a utilização de minha imagem a partir de fotografias elaboradas durante a oficina de horta no CAPS AD Cia do Recomeço, tais fotografias são utilizadas ao longo do trabalho para ilustrar o relato da experiência da autora no projeto e também expor os momentos de trabalho da equipe que o compôs. Autorizo também que meu nome seja citado ao longo do trabalho, tendo assim exposta minha identidade, como membro da equipe do projeto de horta do CAPS AD Cia do Recomeço, assim como sejam citados fatos e impressões sobre minha participação.

Recebi os esclarecimentos necessários sobre os temas envolvidos no trabalho e os momentos em que sou citado, bem como o conteúdo de tal citação.

Compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Santa Maria, 31 de Outubro de 2019.

Nome: Osther Cavalho Grande  
 Assinatura: Osther C. Grande

Nome da responsável do projeto: Laura Augusta Kleinpaul  
 Ass: Laura A. Kleinpaul

## ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, THIAGO DOS SANTOS ALVES  
BRASILEIRO, SOLTEIRO,, RG: 1076 14 2239  
 CPF: 01031096094, estou sendo convidado a participar de um trabalho de monografia denominado **Pontos de conexão entre ecologias e redução de danos: Uma experiência no CAPS AD Cia do Recomeço de Santa Maria - RS**, de autoria de **Laura Augusta Kleinpaul**, cujos objetivos e justificativas são realizar uma pesquisa de educação ambiental a partir do projeto de horta em que participei no CAPS AD Cia do Recomeço, como requisito parcial para que a autora conclua o Curso de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

A minha participação no referido estudo será no sentido de autorizar a utilização de minha imagem a partir de fotografias elaboradas durante a oficina de horta no CAPS AD Cia do Recomeço, tais fotografias são utilizadas ao longo do trabalho para ilustrar o relato da experiência da autora no projeto e também expor os momentos de trabalho da equipe que o compôs. Autorizo também que meu nome seja citado ao longo do trabalho, tendo assim exposta minha identidade, como membro da equipe do projeto de horta do CAPS AD Cia do Recomeço, assim como sejam citados fatos e impressões sobre minha participação.

Recebi os esclarecimentos necessários sobre os temas envolvidos no trabalho e os momentos em que sou citado, bem como o conteúdo de tal citação.

Compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Santa Maria, 31 de outubro de 2019.

Nome: Thiago dos S. Alves  
 Assinatura: Thiago dos S. Alves

Nome da responsável do projeto: Laura A. Kleinpaul  
 Ass: Laura A. Kleinpaul



## ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, José Devanir dos Santos,  
BRAS. LEI 20.754 em 19.05.2019, Santa Maria, RS: 803670502,  
 CPF: 538.939.720-72, estou sendo convidado a participar de um trabalho de monografia denominado **Pontos de conexão entre ecologias e redução de danos: Uma experiência no CAPS AD Cia do Recomeço de Santa Maria - RS**, de autoria de **Laura Augusta Kleinpaul**, cujos objetivos e justificativas são realizar uma pesquisa de educação ambiental a partir do projeto de horta em que participei no CAPS AD Cia do Recomeço, como requisito parcial para que a autora conclua o Curso de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

A minha participação no referido estudo será no sentido de autorizar a utilização de minha imagem a partir de fotografias elaboradas durante a oficina de horta no CAPS AD Cia do Recomeço, tais fotografias são utilizadas ao longo do trabalho para ilustrar o relato da experiência da autora no projeto e também expor os momentos de trabalho da equipe que o compôs. Autorizo também que meu nome seja citado ao longo do trabalho, tendo assim exposta minha identidade, como membro da equipe do projeto de horta do CAPS AD Cia do Recomeço, assim como sejam citados fatos e impressões sobre minha participação.

Recebi os esclarecimentos necessários sobre os temas envolvidos no trabalho e os momentos em que sou citado, bem como o conteúdo de tal citação.

Compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Santa Maria, 31 de outubro ..... de 2019.

Nome: José Devanir dos Santos .....

Assinatura: José Devanir dos Santos .....

Nome da responsável do projeto: Laura Augusta Kleinpaul .....

Ass: Laura A. Kleinpaul .....

## ANEXO E– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Clezio Lima da Camara.....  
Brasileiro 53 anos solteiro, RG: 4044.000.844,  
 CPF: 531.081.670-49 estou sendo convidado a participar de um  
 trabalho de monografia denominado **Pontos de conexão entre ecologias e  
 redução de danos: Uma experiência no CAPS AD Cia do Recomeço de  
 Santa Maria - RS**, de autoria de **Laura Augusta Kleinpaul**, cujos objetivos e  
 justificativas são realizar uma pesquisa de educação ambiental a partir do  
 projeto de horta em que participei no CAPS AD Cia do Recomeço, como  
 requisito parcial para que a autora conclua o Curso de Especialização em  
 Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

A minha participação no referido estudo será no sentido de autorizar a  
 utilização de minha imagem a partir de fotografias elaboradas durante a oficina  
 de horta no CAPS AD Cia do Recomeço, tais fotografias são utilizadas ao  
 longo do trabalho para ilustrar o relato da experiência da autora no projeto e  
 também expor os momentos de trabalho da equipe que o compôs. Autorizo  
 também que meu nome seja citado ao longo do trabalho, tendo assim exposta  
 minha identidade, como membro da equipe do projeto de horta do CAPS AD  
 Cia do Recomeço, assim como sejam citados fatos e impressões sobre minha  
 participação.

Recebi os esclarecimentos necessários sobre os temas envolvidos no  
 trabalho e os momentos em que sou citado, bem como o conteúdo de tal  
 citação.

Compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu  
 livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há  
 nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Santa Maria, 31 de outubro.....de 2019.

Nome: CLEZIO LIMA DA CAMARA.....

Assinatura: CLEZIO LIMA DA CAMARA.....

Nome da responsável do projeto: Laura Augusta Kleinpaul.....

Ass: Laura A. Kleinpaul.....

## ANEXO F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Eduardo Soares das Santen,  
Barraluna, 61 anos, vivo, RG: 8034.87.8361,  
 CPF: 335.865.190-87, estou sendo convidado a participar de um  
 trabalho de monografia denominado **Pontos de conexão entre ecologias e  
 redução de danos: Uma experiência no CAPS AD Cia do Recomeço de  
 Santa Maria - RS**, de autoria de **Laura Augusta Kleinpaul**, cujos objetivos e  
 justificativas são realizar uma pesquisa de educação ambiental a partir do  
 projeto de horta em que participei no CAPS AD Cia do Recomeço, como  
 requisito parcial para que a autora conclua o Curso de Especialização em  
 Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

A minha participação no referido estudo será no sentido de autorizar a  
 utilização de minha imagem a partir de fotografias elaboradas durante a oficina  
 de horta no CAPS AD Cia do Recomeço, tais fotografias são utilizadas ao  
 longo do trabalho para ilustrar o relato da experiência da autora no projeto e  
 também expor os momentos de trabalho da equipe que o compôs. Autorizo  
 também que meu nome seja citado ao longo do trabalho, tendo assim exposta  
 minha identidade, como membro da equipe do projeto de horta do CAPS AD  
 Cia do Recomeço, assim como sejam citados fatos e impressões sobre minha  
 participação.

Recebi os esclarecimentos necessários sobre os temas envolvidos no  
 trabalho e os momentos em que sou citado, bem como o conteúdo de tal  
 citação.

Compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu  
 livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há  
 nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Santa Maria, 31 de outubro .....de 2019.

Nome: Eduardo Soares das Santen  
 Assinatura: Eduardo Soares das Santen

Nome da responsável do projeto: Laura A. Kleinpaul  
 Ass: Laura A. Kleinpaul